

Aquilo que prende a atenção determina a ação.
William James

ADORNO, Theodor W. *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALVES, Luciana e Sá; VASCONCELLOS, Hedy Silva Ramos de; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Educação. *A educação ambiental e a pós-graduação: um olhar sobre a produção discente*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith e GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais – pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985. v.1: Magia e técnica, arte e política.

BRANDÃO, Zaia. *Pesquisa em educação – conversas com pós-graduandos*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BRASIL, Lei nº 9795, de 27 de abril de 1999 que institui a Política Nacional de Educação Ambiental. Disponível em: <<http://www.MMA.gov.br/port/sdi/ea/Lei%209795.cfm>>. Acesso em 20 jan. 2002.

CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. São Paulo: Editora Palas Athena, 1990.

CAMPOS, Michele; Greik, Michl; Vale, Tacyanne do. *História da Ética*. CienteFico. Ano II, v.I, Salvador, agosto-dezembro 2002.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa; GIL PÉREZ, Daniel. *Formação de professores de ciências: tendências e inovações*. São Paulo: Cortez, 2000.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. As transformações na cultura e o debate ecológico: desafios políticos para a Educação Ambiental. In: O. NOAL, Fernando; REIGOTA, Marcos & H. L. BARCELOS, Valdo (Orgs.) *Tendências da Educação Ambiental brasileira*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.

_____. *A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da Educação Ambiental no Brasil*. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CARVALHO, Marcos. *O que é natureza*, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991.

CARVALHO, Vilson Sérgio de. A ética na Educação Ambiental e a ética da Educação Ambiental. In: MACHADO, Carly Barboza. *Educação Ambiental consciente*. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2003.

CASTRO, Ronaldo de Sousa. Epistemologia da Biologia e Educação Ambiental. In: PEDRINI, Alexandre de G. (Org.). *Educação Ambiental – reflexões e práticas contemporâneas*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

COELHO, Jorge Artur Peçanha de Miranda; GOUVEIA, Valdiney Veloso; MILFONT, Taciano Lemos. Valores humanos como explicadores de atitudes ambientais e intenção de comportamento pró-ambiental. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 1, p. 199-207, jan./abr. 2006.

COLES, Robert. *Inteligência moral das crianças*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

COLL, César. *Psicologia e currículo – uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

CONFÚCIO. *Os Analectos*; Tradução do inglês de Caroline Chang; Tradução do chinês, introdução e notas de D.C. Lau; Porto Alegre, RS: L&PM, 2007.

CRESPO, Samyra e LEITÃO, Pedro. *O que o brasileiro pensa da ecologia – o Brasil na era verde*. Rio de Janeiro: MAST/MMA/ISER/CNPq, 1992.

CRESPO, Samyra. *O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: MMA/MCT e ISER, 1997.

_____. *O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: ISER/ MMA, 2002.

DALL' AGNOL, Darlei. *Bioética: princípios morais e aplicações*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

DAUSTER, Tânia. *Representações Sociais e Educação*. In: CANDAU, Vera M. *Linguagens, Espaços e Tempos no Ensinar e Aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais. In: SIMSON, Olga de Moraes Von (Org.). *Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos tribunais, 1988.

DIAS, Genebaldo F. Os quinze anos da Educação Ambiental no Brasil: um depoimento. *Em Aberto*, Brasília: ano 10, n. 49, p. 3-14, jan./mar. 1991.

_____. *Educação Ambiental: princípios e práticas*. São Paulo: Gaia, 1992.

DIEGUES, Antonio Carlos. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec, 1996.

DUARTE, Rosália. *Entrevistas em pesquisas qualitativas*. Rio de Janeiro: 2004.

FARR, Robert M. Representações Sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, Pedrinho A. ; JOVOCÊHELOVITCH, Sandra (Orgs.). *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes, 1995.

FAZENDA, Ivani C. A. *Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa*. Campinas: Papirus, 1994.

GARDNER, Howard. *O verdadeiro, o belo e o bom – os princípios básicos para uma nova educação*. Rio de Janeiro: editora Objetiva, 1999.

GIASSI, Maristela G. Educar para um ambiente melhor. *Perspectiva*, v.15, n.27, p 147-158, Florianópolis, jan./jun. 1997.

GOUVEIA, Valdiney V. A natureza motivacional dos valores humanos: evidências acerca de uma nova tipologia. *Estudos de Psicologia*, 2003, 8(3), 431-443.

_____; MARTÍNEZ, Eva; MEIRA, Maja; MILFONT, Taciano L. *A estrutura e o conteúdo universais dos valores humanos: análise fatorial confirmatória da tipologia de Schwartz*. *Estudos de Psicologia*, v. 6, n. 2, p. 133-142, 2001.

GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1995.

HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HOLLY, Mary Louise. Investigando a vida profissional dos professores: diários biográficos. In: NÓVOA, António. *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 2000.

HOUAISS, Antonio. Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Versão 1.0.5. Rio de Janeiro, Editora Objetiva Ltda., 2002.

LA TAILLE, Yves de. *Desenvolvimento moral: princípios, sentimentos, valores*. São Paulo: Atta, 2002 (Vídeo).

_____. *Jornal Extra Classe - Porto Alegre – www.sinprors.org.br – março de 2007 (entrevista)*.

LAYRARGUES, Phillipe Pomier. Resolução de problemas ambientais: tema-gerador ou atividade-fim da Educação Ambiental? In: VASCONCELLOS, Hedy Silva Ramos (org.). *Educação Ambiental em debate – 20 anos de Educação Ambiental pós-Tbilisi*, Rio de Janeiro: Anais do Simpósio Brasileiro de EA, PUC-Rio/ UFRJ/ FAPERJ, 1997.

LEFF, Enrique. *Educação Ambiental e desenvolvimento sustentável*. In: REIGOTA, Marcos (org.). *Verde cotidiano – o meio ambiente em discussão*. Rio de Janeiro: De Paulo Ed., 1999.

_____. *Epistemologia Ambiental*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

LEME, Maria Alice Vanzolini da Silva. O impacto da teoria das representações Sociais. In: SPINK, Mary Jane (org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectivas da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. *Trajetória e fundamentos da Educação Ambiental*. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

LÜDKE, Menga & ANDRÊ, Marli E. D. A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: E.P.U., 1986.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

MARTÍNEZ, Pilar Pestaña de. *Aproximación conceptual al mundo de los valores*. REICE – Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación, 2004, vol.2, nº 2, Madri/ Espanha, México, pp. 67-82.

MATAREZZI, José. A trilha da vida. I Encontro sobre "Percepção e Conservação Ambiental: a Interdisciplinaridade no Estudo da Paisagem", Rio Claro: Revista Olam, 2004.

MAZZOTTI, Tarso B. Representação social de “problema ambiental”: uma contribuição à Educação Ambiental. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília: v.78, n.188/189/190, p. 86-123, jan./dez. 1997.

MENEZES, Laís Almeida de. Internalizando as externalidades: a perspectiva neo-clássica. HERCULANO, Selene (Org.). *Meio ambiente: questões conceituais*. Niterói: Pós-Graduação em Ciências Ambientais da UFF: Riocor, 2000.

MINISTERIO DO MEIO AMBIENTE, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. *Programa Nacional de Educação Ambiental*. Brasília: 1997.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA António (Org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 2000.

MONDIN, BATTISTA. *Os valores fundamentais*. Bauru, SP: Edusc, 2005.

MOSCOVICI, Serge. *Representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

MORIN, Edgar. Para além da globalização e do desenvolvimento: sociedade mundo ou império mundo? In: CARVALHO, Edgar Assis; MENDONÇA, Terezinha. *Ensaio de complexidade 2*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

NÓVOA, António (Org.). *Profissão professor*. Porto: Porto Editora, 1995.

PEDRINI, Alexandre de G. (Org.). *Educação Ambiental – reflexões e práticas contemporâneas*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

PERRENOUD, Philippe. *Práticas Pedagógicas, Profissão Docente e Formação – Perspectivas Sociológicas*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

PLATÃO. *Diálogos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____. *A República*. São Paulo: Martin Claret Ltda., 2007.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *O desafio ambiental*. Organizador: Emir Sader – Rio de Janeiro: Ed. Record, 2004

PUIG, Josep Maria. *A construção da personalidade moral*, São Paulo: Editora Ática, 1998.

PUIGGRÓS, Adriana. Crónica de la educación en Latinoamérica. *Cuadernos de Pedagogia*. Revistas n. 286. Barcelona: R.B.A, Diciembre, 1999.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga de Moraes Von (Org.). *Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos tribunais, 1988.

REIGOTA, Marcos (Org.). *O que é Educação Ambiental*. Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense, 1992.

RIBEIRO, Luciana Mello. *O papel das representações sociais na (educ)ação ambiental*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - CTCH, PUC-Rio: Rio de Janeiro.

RUPEA. *Mapeamento da Educação ambiental em Instituições Brasileiras de Educação Superior*: elementos para discussão sobre políticas públicas. São Carlos, UFSCar, 2005. Relatório.

SÁ, Celso Pereira. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, Mary Jane (Org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectivas da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade*. São Paulo: Cortez, 2004.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. Campinas, S.P.: Editora Autores Associados, 1999.

SHAINNESS, Natalie. *Doce sofrimento*. São Paulo: Melhoramentos, 1984.

SILVA, Tânia F. G. *Um estudo sobre os valores, segundo Rokeach e Moscovici, em uma instituição pública: o caso da UNIOESTE, campus de Foz do Iguaçu*, 2008. 175f. Monografia (especialização) – Programa de Pós-Graduação em Gestão das Organizações. Centro de Ciências Sociais Aplicadas-CCSA, da UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Foz do Iguaçu, PR, 2008.

SIQUEIRA, Josafá C. de. *Ética e meio ambiente*. São Paulo: Loyola, 1998.

TARDIF, Maurice. *Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério*. PUC-Rio/Pelotas: outubro de 1999. fotocópia

TAVARES, Carla. *Lugar do lixo é no lixo: estudo de caso de assimilação da informação*. 2003. Dissertação (Mestrado em Informação) – PPGCI, UFRJ/ECO, Rio de Janeiro.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. *Educação Ambiental: natureza, razão e história*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

TRISTÃO, Martha. *A educação ambiental na formação de professores – redes de saberes*. SP: Annablume; Vitória: FACITEC, 2004.

UNESCO. *La educación ambiental – las grandes orientaciones de la Conferencia de Tbilisi*, Paris: 1980.

VASCONCELLOS, Hedy S. R. de. *Educação Ambiental em debate: 20 anos pós Tbilisi*. Anais do Simpósio Brasileiro de EA, realizado em novembro/ 97 na PUC. Rio de Janeiro: PUC/ UFRJ, 1997.

_____.; SILVA, Jorge Eduardo Vieira da; FERREIRA, Catherine Rodrigues Costa; GUIMARÃES, Raquel Pereira. A Educação Ambiental na Universidade: um Banco de Dados. *Educação*, n. 51, p. 1-79, 1999. (PUC/RJ), Rio de Janeiro.

_____. (Coord.). Inovação pedagógica? A Educação Ambiental e em saúde no currículo da escola pública. *Relatório Final do Projeto Integrado*, CNPq/ PUC-Rio: Rio de Janeiro, 2002.

_____. Educação Ambiental para uma sociedade justa e sustentável. In: Fonseca, Denise Pini Rosalem; Siqueira, Josafá Carlos (Orgs.). *Meio Ambiente, Cultura e Desenvolvimento Sustentável – somando esforços, aceitando desafios*. Rio de Janeiro: Sette Letras: Historia y Vida, 2002.

VASCONCELLOS, Maria das Mercês Navarro. *Educação Ambiental: ponte entre diversas áreas do conhecimento*. Dissertação (Mestrado em Educação). – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Orientador: Hedy Silva Ramos de Vasconcellos, 1994.

VICENZI, Luciano. *Coragem para evoluir*, Rio de Janeiro: Editora IIPC, 2001.

VIEIRA, Waldo. *700 Experimentos da Conscienciologia*, Rio de Janeiro: Editora IIPC, 1994.

WILMER, Celso. *Um estudo sobre a aplicação da idéia de Consciência de si entre alunos da universidade: suas implicações em termos de avaliação do aluno; a idéia de uma Metrologia Educacional Qualitativa*. Plano de pesquisa. Rio de Janeiro: Departamento de Artes, PUC-Rio, 2004. mimeo.

ZAJDSZNAJDER, Luciano. *Ética, estratégia e comunicação na passagem da modernidade à pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

9.1. Webgrafia

BRANQUINHO, Fátima. Contribuição da antropologia da ciência à educação em ciência, ambiente, saúde. In: [www. anped.Org.br](http://www.anped.org.br). Acesso em 13/09/05, às 14h45.

CARVALHO, Luiz Marcelo de; CAMPOS, Maria José de Oliveira; CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Educação ambiental e materiais impressos: conceitos, valores e participação política*. Disponível em <www.ecoar.org.br/avaliando2/downloads/EA1-Conceitos.doc>, acesso em 12/10/2007, às 20h05.

DELUIZ, Neise; NOVICKI, Vitor. *Trabalho, meio ambiente e desenvolvimento sustentável: implicações para uma proposta crítica de Educação Ambiental*. Disponível em: <www.anped.org.br> Acesso em 13/09/2005.

JACOBI, Pedro; LUZZI, Daniel. *Educação e Meio Ambiente – um diálogo em ação*. Disponível em: <www.anped.org.br> Acesso em 13/09/2005.

Enciclopédia de Filosofia.

<<http://br.geocities.com/sidereusnunciusdasilva/index.htm>> Acesso em 25/02/2008.

ISER. *O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do consumo sustentável – pesquisa nacional de opinião*. Relatório para divulgação, Rio de Janeiro: out. 2001. Disponível em: <http://www.iser.org.br/portug/meio_ambiente_brasil.pdf>. Acesso em: 11/01/03.

OLIVEIRA, Haydée Torres de. Disponível em:

<<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/index.jsp>>. (Currículo Lattes).

Organograma. Disponível em: www.mma.gov.br. Acesso em 09/01/06.

VALENTIN, Leirí. *Tendências das pesquisas em Educação Ambiental no Brasil*. Disponível em: <www.anped.org.br>. Acesso em 13/09/2005.

<www.uerj.br>. Acesso em 02/09/05.

<www.ufrj.br>. Acesso em 02/09/05.

9.2. Apêndices

9.2.1. A1 - Roteiro de entrevista

1. Como você se tornou educador ambiental? Em algum momento de sua vida houve mudanças na trajetória profissional? Houve momentos de maior investimento pessoal na carreira? Se sim, quando? Houve momentos de desânimo? Em que situações?
2. Você acha que é exemplo de que na sua vida?
3. Como gostaria de ser lembrado(a)?
4. O que você gostaria de ver em seus alunos como efeitos de seu trabalho?
5. Na sua visão, que valores predominam na sociedade?
6. Por que você é educador ambiental?
7. O que na sua vida foi marcante para esta escolha?
8. Qual sua perspectiva de EA? Dê um exemplo da sua ação prática.
9. Que mudanças você espera que seu trabalho promova no mundo?
10. A **experiência profissional** exerceu alguma mudança na sua forma de trabalhar, no seu jeito de entender e se relacionar com o mundo? Qual? Por quê?
11. Fale um pouco de sua **família** de origem: onde você nasceu? Onde morava na infância? Quais eram suas preocupações mais importantes naquela época? Em que você estava interessado? Durante a sua infância e juventude, que experiências em sua vida familiar foram importantes para a escolha da profissão?
12. O que o fez decidir (diferencial) trabalhar com a questão ambiental na universidade?
13. Como você trabalha a questão ambiental na universidade onde atua?
14. Como você imagina uma universidade preocupada com o meio ambiente?
15. Como era a **escola** em que estudou? Houve fatos, situações e pessoas que influenciaram sua escolha profissional ou marcaram o seu jeito de ser professor?
16. E a **faculdade**, como era? O que foi marcante?
17. Você tem o hábito de fazer cursos para a **formação continuada**? (quais? onde? periodicidade) Por que?
18. Quais você considera serem os seus valores principais? Como você os descobriu?

19. Como você imagina que se construíram estes valores? O que influenciou?
20. Como eles o ajudam na sua prática de educador(a) ambiental?
21. Quais as dúvidas e dilemas comuns na sua vida?
22. Que tipo de ação costuma ser recorrente em seu comportamento?
23. Como se vê com relação ao trabalho que realiza? Como crê que é visto pelos outros (colegas, direção, aluno)?
24. Como concilia a vida profissional com a vida pessoal?
25. O que você acha que estará fazendo daqui a 10 anos?
26. Quais são seus sonhos?
27. Se não fosse professor(a), qual seria a sua profissão?
28. Que significa formar/instruir gente?
29. Quais são as exigências e as características inerentes a um trabalho que tem esse objetivo e esse “objeto”?
30. Que valores você considera importantes para vivermos num meio ambiente mais saudável? Como eles podem ser adquiridos/ desenvolvidos?

9.2.2.

A2 - Mini-Inventário Pessoal: (roteiro de auto-observação)

- Listar temáticas dos **pensamentos** no cotidiano
- Relacionar as emoções e **sentimentos** recorrentes e mais freqüentes do dia-a-dia
- Elencar as principais **decisões** tomadas na vida
- Identificar as principais **motivações** pessoais
- **Critérios** que embasam suas **escolhas**
- Avaliar o perfil pessoal de **gastos**
- **Omissões** deficitárias e superavitárias
- Comentar situações em que teve **vergonha** de si mesmo(a) ou se sentiu **culpado(a)**
- Escala de **Prioridades** (reais) da sua vida e sua base
- Hierarquize seus **valores** a partir da análise realizada neste inventário.

9.2.3.**A3 – Lista de Siglas**

ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CONAMA – Conselho Nacional de Meio Ambiente

ECO-92 – o mesmo que Rio-92, apelido dado à Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), ocorrida em 1992 na cidade do Rio de Janeiro

FNMA – Fundo Nacional para o Meio Ambiente

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

CEBDS – Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável

IES – Instituições de Ensino Superior

IPCC – Painel Intergovernamental de Conferência Climática

ISER – Instituto de Estudos da Religião

MEC – Ministério da Educação

MMA – Ministério do Meio Ambiente

ONG – Organização não Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

PET – Programa Especial de Treinamento

PNEA – Política Nacional de Educação Ambiental

PNUMA – Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente

PRONEA – Programa Nacional de Educação Ambiental

REBEA – Rede Brasileira de Educação Ambiental

RUPEA – Rede Universitária de Programas de Pesquisa em EA para Sociedades Sustentáveis

SP – São Paulo

UCs – Unidades de Conservação

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UNIPAZ – Universidade da Paz

UNIRIO – Universidade do Rio de Janeiro

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

WBCSD – World Business Council for Sustainable Development

9.2.4.**A4 – Lista de Quadros**

Quadro 1 – Desenvolvimento da moralidade (La Taille)	65
Quadro 2 - Relação entre <i>valores</i> , <i>necessidades</i> e <i>condições</i> para realização das necessidades.....	101
Quadro 3 – Modelo de Gouveia para organização do Sistema Básico de 24 Valores.....	102
Quadro 4 - Tipos motivacionais universais de valores, segundo Schwartz.....	105
Quadro 5 – Quadro geral do perfil docente	136
Quadro 6 – Relação entre comportamento, traço e valor	160
Quadro 7 – Critérios: relação entre valores, comportamentos e traços	173
Quadro 8 – Gastos: relação entre traços, valores e comportamentos	176
Quadro 9 – Relação entre docentes e meios de experiência moral	193
Quadro 10 – Metrologia Qualitativa.....	211
Quadro 11 – Tipos de experiências morais e seus efeitos	221

9.2.5.**A5 – Lista de Ilustrações**

Ilustração 1: Organograma do Órgão Gestor da EA Fonte: MMA, 2006.	27
Ilustração 2: Formação da personalidade moral conforme Puig Fonte: autora	66
Ilustração 3. Estrutura Bidimensional das Quatro Categorias de Tipos Motivacionais Fonte: adaptado por Gouveia de Schwartz (1992)	106

9.2.6.

A6 – Lista de Esquemas

Esquema 2: Estrutura dos meios de experiência moral 67

Esquema 3: Fluxograma das indicações em rede Fonte: autora..... 138

9.2.7. Anexos – Duas entrevistas

Entrevistada: VEGA

Datas: 22 e 29 de maio de 2007, sábados. Período: manhã.

Local: residência da entrevistada, RJ.

Você poderia começar se apresentando...?

Bem, eu sou formada em Filosofia, fiz o mestrado em Filosofia da Educação pela Getúlio Vargas e doutorado em Filosofia da Educação pela UFRJ. Eu estou ligada ao campo temático de pesquisa da área Trabalho e Educação, há 22 anos já e paralelamente às discussões do mundo do trabalho eu venho me ocupando das questões referentes a meio ambiente por um caminho que, pouco a pouco, eu estou fazendo com que eles possam se aproximar cada vez mais, mas eles foram durante muito tempo dois caminhos um pouco paralelos. Então, ao mesmo tempo em que eu sou há 15 anos professora da universidade, sempre responsável por disciplinas e orientação de alunos na graduação e na pós-graduação, mestrado e doutorado, na área de Trabalho e Educação, eu trabalhei nos anos 90 no Centro de Ciências do estado do Rio de Janeiro, coordenando uma equipe que realizava um trabalho de formação continuada de professores no ensino fundamental e do ensino médio, escola normal, na busca de pensar o ensino de ciências e matemática como um espaço onde se deveria interdisciplinarizar os conhecimentos. De forma que os professores do ensino fundamental, que não têm a formação disciplinar específica na área de ciências, pudessem enfrentar esse desafio com mais tranquilidade. E nós desenvolvemos toda uma metodologia, quer dizer, com a professora Letícia Parente, que era doutora em Química, professora da PUC, e que infelizmente ainda quando diretora do centro de ciências faleceu, desenvolvemos todo um trabalho baseado em centros de interesse ou em trabalhos que buscavam um tema transversal para discutir os conteúdos das diversas ciências. E aí nós trabalhávamos, por exemplo, a cidade, o campo, os grandes ecossistemas, o mar, o campo pensando a terra, trabalhamos os setores de serviços, como, por exemplo, o tratamento da água, o setor industrial, analisando algumas indústrias em Nova Friburgo, mas sempre dentro da perspectiva ambiental. Ou seja, como é que nós poderíamos abordar os conteúdos específicos de primeira a quarta série ou da escola de formação de professores

transversalizando os conhecimentos das ciências exatas e da natureza e a matemática? A partir de temas que fizessem referência à relação homem-natureza. Então, são muitos anos trabalhando também dentro dessa perspectiva. Também tive uma experiência muito interessante, durante muitos anos, de uma interlocução com os professores de física, que sempre me convidavam pra escola de verão de física, que eles fazem para os professores de física. Então solicitavam alguma conversa, uma palestra, alguma coisa que abordasse a filosofia da educação de forma que nós pudéssemos pensar a formação do professor de física, à luz de uma perspectiva mais ampla, não restrita ao campo da física. Então essas foram experiências que eu fui fazendo, que foram me aproximando cada vez mais das discussões em torno da questão ambiental. Por outro lado, no campo Trabalho e Educação, eu tenho na minha formação, desde o tempo que eu concluí a graduação em Filosofia, uma perspectiva de análise da realidade brasileira, onde eu venho sempre discutindo os modelos e as perspectivas e as concepções de desenvolvimento e de progresso que a sociedade brasileira vem priorizando pra estabelecer o seu modelo de industrialização, a sua forma de inserção no capitalismo internacional, é a maneira como o Brasil por ora, em certos momentos parece que adere completamente ao capitalismo mundializado, outras horas parece que resiste buscando um caminho próprio e todos esses momentos são, por assim dizer, atravessados por uma concepção de desenvolvimento. E essa concepção de desenvolvimento está muito baseada numa perspectiva de trabalho e, portanto, da atividade humana, que se exerce nessa relação homem-natureza dentro de uma perspectiva de que o Brasil é um país muito rico em natureza, de uma natureza inesgotável e que, portanto, nós podemos nos aventurar livremente sobre os recursos naturais. Então, esta perspectiva que de alguma forma está presente no mundo do trabalho no Brasil é alguma coisa que também eu venho me preocupando desde sempre. E aí, a questão do meio ambiente entra pelo lado Trabalho e Educação. Então, minha aproximação com a EA é menos com a EA e mais com a relação trabalho-educação-meio ambiente. Como é que o mundo do trabalho contempla ou não as questões ambientais e em que medida isso se reflete nas nossas propostas educacionais. Não só nas propostas de EA, mas também nas propostas de educação tecnológica, de educação geral, em que medida esses temas relacionados ao meio ambiente são uma questão ou não. E me dou conta de que não são uma questão! Tanto que no nosso curso de Pedagogia, eu já há oito anos

venho oferecendo uma atividade, que na universidade o professor XXX já deve ter explicado isso pra você, nós temos disciplinas obrigatórias, eletivas, optativas como todos os cursos têm e nós temos alguma outra coisa que outros cursos não têm que nós chamamos componentes curriculares que têm uma outra característica e um componente curricular “atividade” que tem a característica de buscar dar aos alunos do curso de Pedagogia uma formação mais ampla do ponto de vista social e cultural, que alargue a sua visão de mundo e que lhe permita trabalhar temas que normalmente não estão contemplados no nosso currículo. E foi dentro dessa perspectiva que eu criei essa atividade de Meio Ambiente e Educação e que eu partilho com o AQUARIUS até hoje. Depois que ele fez o concurso e entrou na nossa faculdade como professor, começamos a trabalhar juntos. Essa preocupação de novo vem porque eu acho que as universidades são justamente as mais renitentes, as mais difíceis, as mais impermeáveis a mudanças, porque são justamente os espaços onde há uma demarcação muito clara dos espaços próprios de cada área do conhecimento e então há uma luta política até pela importância de cada área, pelo destaque de cada área, e isso se reverte depois na disputa também pelos recursos pra pesquisa. Então, acho que a universidade é mais engessada, ela tem mais dificuldade de aceitar temas novos, de trabalhar de forma interdisciplinar, de compreender a complexidade da realidade, de compreender que essas múltiplas determinações do real precisam de sínteses mais amplas. Parece contraditório síntese e amplidão, mas acho que a complexidade da realidade exige essas mudanças. Isso pra mim foi ficando muito evidente na minha participação, por exemplo, das reuniões anuais da SBPC. Onde apresentação de trabalhos sobre EA vinham fundamentalmente dos professores do ensino fundamental e médio. Não vinham das universidades. Durante muitos anos, os trabalhos apresentados na SBPC que diziam respeito ao meio ambiente e especificamente EA vinham dos professores do ensino fundamental, Porque eles já têm uma perspectiva de trabalho mais integrado. Pra eles era mais fácil compreender essa integração e trabalhar com ela do que aos professores universitários. E acho que embora todos, se você fizer uma pesquisa eles dirão: “a EA é fundamental, a questão ambiental é importantíssima”, no entanto, se você olhar os currículos dos cursos de pedagogia no Brasil você não vai encontrar essa temática organizada curricularmente. Nem ela é uma disciplina, porque já é uma proposta consolidada no Brasil de que a EA não seja uma disciplina, mas ela

poderia na universidade até ter se transformado numa disciplina e se nós pensarmos num tema transversal também nós não vamos encontrar, a não ser da mesma forma que encontramos no segundo grau, é uma atribuição do professor de Biologia, a prática de ensino de ciências ou didática de biologia. Então, as pessoas atribuem a este professor, e a este campo do conhecimento tratar das questões ambientais.

E como você imagina que seja uma universidade preocupada ambientalmente? Que saísse dessa perspectiva...

Bem, eu só vejo essa possibilidade no momento em que nós compreendemos que o nosso modelo de desenvolvimento, a nossa compreensão do que seja o desenvolvimento das forças produtivas, do que sejam as relações de produção e no momento em que nós tivermos uma mudança da organização da sociedade é que nós vamos efetivamente ter uma universidade preocupada com as questões ambientais. Porque enquanto nós pautarmos toda atividade humana pela perspectiva do capital e, portanto, pela mercantilização de todos os espaços da vida, a natureza sempre será um objeto comercializável e explorável nessa perspectiva. Então eu não vejo que a universidade vá se tornar ambientalmente correta porque as ciências não trabalham ainda nessa perspectiva e não trabalham porque a realidade do mundo produtivo não espelha essa preocupação. Mesmo hoje quanto o tema do Aquecimento Global e outros temas referentes, preservação das florestas etc se tornam um tema possível e, portanto um tema amplamente explorado na mídia, ele só se tornou possível e amplamente explorado no momento em que o capital conseguiu mercantilizar essa temática. Através das ISOs, através dos selos verdes, através do valor agregado aos produtos, dizendo “este é um produto ambientalmente correto”, “esta é um produto que se preocupa, esta é uma empresa que se preocupa com meio ambiente” e isso agregou valor aos produtos, tornou no mercado esses produtos mais competitivos, com diferencial para o consumo de uma classe social mais alta, mais escolarizada, mais intelectualizada. Enfim, só neste momento é que estes temas se tornaram temas pra todo mundo. Todos abraçam a questão ambiental, mas principalmente porque conseguem tirar algum proveito disso. Então, acho que é muito difícil que a universidade venha a se tornar... a utopia dos educadores ambientais é que desapareça a EA, que a educação ela seja toda ela ambiental, que toda educação se

compreenda como responsável pelas questões ambientais. Mas acho que isso implica numa mudança de um paradigma societal no qual nós vivemos. Que é o paradigma da mercantilização de todos os espaços da vida. Só no momento em que nós mudarmos essa perspectiva, que de alguma forma retomemos uma perspectiva de que a natureza é o espaço no qual nos movemos e que nós próprios somos natureza e que nesse intercâmbio com a natureza nós produzimos bens de uso pra nossa sobrevivência, pra nosso processo de humanização, que ela se torna um valor nesse sentido, diferente do valor mercadoria, é que nós vamos trabalhar seriamente, responsabilmente e também de uma forma congruente, porque nós dizemos uma coisa e fazemos outra, nós defendemos certos princípios em relação ao meio ambiente enquanto sociedade humana, mas nós na verdade nos comportamos de uma maneira totalmente conflitiva com essa perspectiva. Então, são discursos propalados, mas não objetivados, não concretizados. E eu sou muito cética em relação a isso. Agora acho que a universidade tem um papel importante, acho que é estratégico que exista no Brasil um grupo de professores universitários, pesquisadores que a despeito de saberem que eles se constituem numa minoria e durante muito tempo foi olhada até como uma minoria às vezes exótica, às vezes ecochata e às vezes romântica, mas acho que hoje já há uma compreensão maior de que essa é uma temática importante e, portanto acho que é estratégico esse trabalho que nós fazemos. Embora ainda seja um trabalho muito pontual, muito isolado, mas se eu penso assim, se eu faço um cálculo numérico, assim: sendo professora da universidade há 15 anos, já passaram pela minha sala de aula em torno de 3500 professores, futuros professores, acho que isso tem de alguma forma alguma repercussão. E se nós nos multiplicamos no Brasil a gente abrange um número bastante significativo de futuros formadores. Estamos formando futuros formadores de pessoas, de jovens, de crianças, então acho que isto também tem alguma influência. Agora com certeza a educação nem resolve as coisas sozinha, e acho que nesse momento nem ela é a mais importante se ela se isolar apenas como um espaço de produção do conhecimento, que não tem associado à produção do conhecimento a ação prática e política.

O que significa pra você essa questão de formar pessoas?

Acho que formar pessoas é um compromisso social, ético e político de disponibilizar pra um número maior de pessoas aquele conhecimento ao qual você

teve acesso. E possibilitar, dar instrumentos de análise da realidade, contribuir pra que essas pessoas construam seu próprio conhecimento. Porque na verdade, nós não formamos as pessoas no sentido de que nós produzimos um conhecimento que nós repassamos pra essas pessoas. Nós disponibilizamos um conhecimento e acho que esse é o compromisso e acho que um servidor público tem esse compromisso de uma maneira mais ampla pelo fato de ser um servidor público em primeiro lugar e depois pelo fato de ser um professor, de disponibilizar com o máximo de competência e de compromisso possível esse conhecimento. E viabilizar que num trabalho coletivo as pessoas construam seus próprios conhecimentos, seus próprios referenciais, enfim, e façam leituras do mundo cada vez mais agudas; mais pertinentes, mais profundas, mais complexas, de forma que elas possam se situar no mundo também como produtoras de conhecimento e como pessoas engajadas nas transformações sociais. Acho que esta é que é a responsabilidade de quem está nos espaços formativos, sejam eles espaços formais, sejam espaços não-formais.

E quais seriam as exigências e as características de um trabalho desse tipo?

Acho que a primeira exigência eu vejo que é nós fazermos o máximo de empenho possível pra nos capacitarmos, ou seja, estarmos abertos aos conhecimentos que a humanidade produz, dialogarmos com estes conhecimentos, dialogarmos de uma forma, digamos orientada por uma perspectiva ético-política, que eu acho que o conhecimento não pode ser diletante, acho que nenhum conhecimento na verdade é diletante, aqueles que acham que o conhecimento é neutro, é diletante, ele não deve ter uma função imediata, na verdade essa é uma perspectiva de produção do conhecimento, então ela em si já não é neutra. Expressa uma concepção de mundo. Como eu acho que o conhecimento tem que estar a serviço de uma transformação da realidade, naqueles aspectos da realidade com os quais eu não concordo então acho que ele tem que viabilizar essa minha inserção na realidade de uma forma não-neutra, de uma forma onde sempre tomo partido, onde sempre me posiciono, onde sempre expresso uma postura diante da realidade. Por isso acho que a produção do conhecimento implica primeiro nesse empenho pessoal de sempre buscar uma participação maior, depois acho que a compreensão de que nós fazemos parte de uma sociedade que não é uma

sociedade homogênea, que é uma sociedade dividida em classes, que é uma sociedade onde as pessoas têm acesso diferenciado aos bens sociais, culturais, econômicos... e que portanto, nós também temos que nos posicionar em relação a esses interesses da sociedade a aí acho que só um trabalho coletivo é que potencializa esse nosso conhecimento pessoal. O trabalho isolado tem seus méritos, mas acho que ele muitas vezes é inócuo. Acho que só o trabalho coletivo é que realmente faz avançar o conhecimento. Até porque hoje nós vivemos num mundo que produz e que amplia os conhecimentos exponencialmente. Nenhum de nós nunca vai, quer dizer, os sonhos dos enciclopedistas e do Iluminismo ficaram pra trás. Nós só podemos pensar nas idéias da Modernidade, como o conhecimento sendo um elemento libertador do ser humano, que vai nos propiciar uma vida melhor, um avanço de nossa capacidade de nos humanizarmos se nós compreendermos que esse avanço é um avanço de um sujeito que é coletivo. Só esse avanço desse sujeito coletivo é que vai permitir que os sujeitos individuais também avancem. Porque as lutas individualizadas, acho que elas não levam muito longe.

E foi por isso que você escolheu o espaço universitário como o espaço de trabalho dessa questão?

Acho que o espaço universitário é um espaço, mas eu não descuidei de outros espaços. Eu estou inserida no espaço universitário, mas eu, na medida do possível (eu digo na medida do possível porque a universidade como espaço de trabalho, como parte do mundo do trabalho é prisioneira de todas as outras características que afetam o mundo do trabalho hoje em geral, que é a exigência da produtividade, a ampliação da exploração dos tempos de trabalho que faz com que nós estejamos cada vez mais absorvidos dentro da universidade), mas eu faço o possível pra me integrar também em outros espaços de participação política onde o conhecimento que eu trago da universidade se potencialize em outros espaços. Então, movimentos sociais, no próprio movimento político-acadêmico nas associações de pesquisa, junto com a Hedy, com o Marcos Reigota, lutamos pra que os próprios educadores ambientais acreditassem que era importante disputar o espaço da academia e se dispusessem a criar o GT de EA. Existia muita resistência das pessoas, “a universidade não é um *locus* importante, porque lá há um elitismo, porque lá o trabalho militante do educador ambiental não tem

espaço”, então foi uma época assim, de convencimento. Foi uma discussão muito grande no IV Fórum, lá me Guarapari, pra que isso se materializasse. Até o Marcos Reigota dá um depoimento sobre isso num relatório que ele faz a existência do GT. Então acho que essa é uma dimensão política. Vem da universidade, mas não se restringe à universidade. É uma disputa política ideológica na sociedade brasileira. A participação nos fóruns, a participação no MST, a participação nos espaços não-formais. Nós fizemos há duas semanas um encontro no jardim Botânico, um encontro de espaços não-formais de educação que se prestam a trabalhos de EA, como o núcleo de EA do Jardim Botânico, o Museu de Astronomia, o Museu da Vida da FIOCRUZ... são espaços onde também nós disputamos uma determinada concepção de EA. E são espaços que também divulgam, difundem essa questão. Enfim, acho que tem muitos lugares. Eu própria sou fundadora da associação de moradores do bairro do Jardim Botânico, onde a questão ambiental é sempre presente. Em todas as disputas que nós tivemos e foram disputas muito acirradas, porque essa é uma região onde pessoas muito poderosas vivem, com grande poder de difusão de suas idéias e também com grande poder econômico, como por exemplo, a rede Globo. Os grandes supermercados, o Jockey Clube, o Clube dos Militares... então, nós tivemos vários embates sobre a poluição, sobre o problema do transporte, a criação que foi prevista de uma via expressa na rua Jardim Botânico, da construção de muitos prédios na encosta da rua Benjamin Batista, da criação de um hipermercado na Jardim Botânico onde hoje é o lar Monjope, a criação de um shopping center embaixo do hipódromo... foram lutas gigantescas, em que nós tivemos que contratar advogados, contratar laudos técnicos de universidades, que tivemos de solicitar na Assembléia Legislativa audiências públicas... justamente pra brear que por motivos econômicos não só se descaracterizasse o bairro mas alterasse o regime de águas dentro do Jardim Botânico ou da Lagoa Rodrigo de Freitas, quer dizer o controle sempre da poluição, dos esgotos clandestinos, da água com sabão do Toalheiro Brasil. Acho que são outros espaços onde tenho historicamente me inserido sempre dentro dessa perspectiva de disputa. Acho que faltou falar de uma coisa que nós criamos em noventa e dois, noventa e três, na universidade, que foi uma pós-graduação *lato sensu* em EA. Foi uma parceria de duas universidades, infelizmente só houve uma turma. Havia uma demanda gigantesca, muita gente nos procurou ainda por muitos anos para que nós

fizéssemos uma outra turma. Agora estamos repensando. Naquele tempo quem coordenava o curso éramos eu e Roberto Leher (pela universidade B), também Ronaldo lá da B e depois o PERSEU que passou a integrar esse grupo no sentido de que... a idéia era que nós fizéssemos uma turma na universidade A e a turma seguinte na B, e depois fôssemos alternando. Só que esbarramos na universidade B, naquele momento, com uma certa má vontade do nível central, com as pós-graduações *lato sensu*. Já existia essa idéia de que a *lato sensu* não é tão importante, de que ela deveria ser autofinanciada. Aí não abrimos mais nenhuma turma, depois disso também cada um de nós esteve ocupado com outras coisas, o Carlos Frederico foi fazer o doutorado. O Roberto Leher foi pouco a pouco assumindo a liderança sindical da universidade, terminou sendo presidente do ANDES, enfim, nós, fomos também em certa medida nos assoberbando com outras atividades lá na universidade e acabamos não restaurando o curso. Mas é nossa idéia agora, a partir até dessa nossa rearticulação em torno do LIEAS, retomarmos a preparação de uma pós-graduação *lato sensu*, que esteja aberta aos professores em geral e a outras pessoas que trabalham com a questão ambiental e que tenham interesse em aprofundar suas discussões. Nós estamos lá pelo LIEAS agora, por conta de um curso com o CEP. Enfim, estamos com algumas iniciativas que a gente pensa que possam consolidar o grupo e disponibilizar de forma mais ampla, as pesquisas e os trabalhos que cada um de nós faz na sua instituição de origem. Nós somos seis instituições federais públicas representadas nesse grupo.

O que você imagina ou gostaria de ver como efeito do seu trabalho com os alunos, enfim, com qualquer tipo de público com o qual você trabalhe?

Eu acho que quem tem uma perspectiva de que a sociedade na qual nós vivemos não é uma boa sociedade, tem a perspectiva de que essa sociedade se transforme numa outra, eu acho que o sonho de todo professor é que seus alunos sejam mais competentes, tenham mais clareza da realidade e nessa medida se movam em direção à transformação social. Então, todo meu empenho seja na área social, seja na área ambiental, seja nas outras áreas nas quais eu atuo em educação, tenho essa perspectiva, de que o discípulo supere o mestre. De que eles venham a fazer muito mais, trabalhos mais consistentes, competentes, coerentes do que eu própria consegui fazer. E que esse movimento nessa medida se amplie e possa disputar politicamente, ideologicamente e também no campo da ética um

outro projeto societário. Que mude esse paradigma da corrupção humana, que não seja mais uma produção voltada para o lucro, para a mercantilização da natureza e dos próprios seres humanos, mas que a gente conviva dentro de uma outra perspectiva de sociedade.

Nesse tipo de sociedade que a gente vive, que valores você acha que predominam?

Primeiro, são valores absolutamente individualistas e egoístas, depois os valores amparados nos princípios da propriedade privada de todos os bens, não só dos bens materiais, como também dos bens imateriais. Quer dizer, a disputa pelos espaços de educação, pelos espaços de cultura... se nós formos ver desde o mapa da cidade até qualquer outros parâmetro, nós vamos ver que para determinadas categorias da sociedade, pra uma classe social, certas coisas estão próximas das suas residências, estão disponíveis e outras regiões da cidade não dispõe de absolutamente nada. O próprio entorno das moradias, a urbanização, enfim, a gente tem vários indicadores de como essa sociedade se organiza e o que é que ela valoriza.

E por outro lado, que tipo de valores seriam necessários ou desenvolvidos ou adequados a uma sociedade que fosse mais saudável?

Acho que um primeiro valor são os valores igualitários, acho que o direito de todos ao acesso aos bens naturais, aos bens sociais, aos bens culturais deveria ser um valor. E, portanto, isso implica nos valores da solidariedade, de uma participação coletiva nas decisões dos rumos que a sociedade tem que tomar. Então, não tem valores que se estabelecem, digamos assim, abstratamente. Acho que a sociedade tem que ter clareza de como ela se estrutura e propor seus próprios valores. E nessa medida lutar por eles. Então eu não sei que sociedade... o que no futuro será considerado uma boa sociedade. Mas eu tenho clareza que a sociedade na qual nós vivemos é uma sociedade extremamente perversa, na medida em que ela... mesmo pra aqueles poucos que supõem que têm uma boa vida porque são proprietários de muitos bens, porque têm acesso a uma boa escola, uma escola que lhes permite muito êxito social, muito êxito no mercado de trabalho, há aí também uma ilusão, porque é uma sociedade que vive atormentada pelo medo das suas propriedades e até, hoje, da sua vida. Portanto, essa suposta

qualidade de vida é muito questionável, mesmo pra aqueles que a gente aponta como sendo os poucos que têm acesso a uma boa qualidade de vida. Acho que mesmo esses não têm uma boa qualidade de vida. E também estão subsumidos a esta mesma lógica produtivista, a essa mesma aceleração dos tempos, a esse mesmo grau de competição. Então isso, embora para alguns se reverta em ganhos salariais e em maior acúmulo de bens, não dá a eles o que eu penso que as pessoas julgariam que é uma boa vida.

Nessa sua trajetória profissional, você consegue identificar momentos de mudança, coisas que afetaram a sua forma de trabalhar e se relacionar com o mundo?

Bem, eu acho que o fato de eu ter feito um curso de filosofia, e você até como bióloga vai achar isso engraçado, porque quando eu fui fazer vestibular eu tinha muita dúvida se eu faria um vestibular para Filosofia, que era uma coisa que me chamava muita atenção a partir da escola Normal onde estudei Filosofia da Educação, que era a idéia de nós podermos refletir sobre a realidade com vistas a uma mudança dessa realidade e por outro lado, eu tinha uma imensa curiosidade de estudar Botânica. Então eu cheguei a pensar em estudar Biologia, mas confesso que a Zoologia me desanimou. Como eu sou do tempo em que o vestibular implicava em provas específicas já das áreas e só das áreas eu fiquei desanimada. E acho que acabei fazendo uma escolha que pra mim acabou sendo extremamente positiva, porque diferentemente das ciências que buscam sempre avançar no conhecimento a filosofia sempre repõe as mesmas perguntas: quem eu sou, de onde eu venho, pra onde eu vou. Cada época histórica teve as suas respostas, elas não são melhores nem piores umas do que as outras. Elas só são mais adequadas a me permitir compreender a realidade. Umas são mais adequadas, são mais potentes pra responder a realidade do que outras. Mas as teorias no campo da Filosofia não é propriamente que elas evoluam. Elas se transformam historicamente e nessa medida elas respondem de uma maneira mais satisfatória ou menos satisfatória a essas perguntas. Então acho que o curso de Filosofia pra mim foi muito importante. Principalmente marcado pela figura do professor Gerd Borheim, que já mais para o final da sua vida foi uma pessoa que também teve uma influência na área ambiental, porque ele tinha uma reflexão muito interessante sobre os compromissos ético-políticos que as pessoas tinham ao

longo das suas trajetórias com as mudanças da realidade. E que nós não podemos transferir para os outros as responsabilidades que temos historicamente. Então, ele vai na contramão daquela famosa frase de: “vamos formar as gerações futuras”, o compromisso com as gerações futuras, vamos promover uma EA que leve as gerações futuras a ter um outro comportamento “... Acho que o Gerd sempre se contrapôs a essa perspectiva, porque ele sempre defendeu na sua postura filosófica que nós não podemos abrir mão, não podemos nos livrar, não temos o direito de nos livrar de nossas responsabilidades históricas! Cada um é responsável pelo momento em que vive e pelo que faz de sua vida. Acho que essa foi uma coisa muito importante na minha vida. Perder o Gerd foi uma perda irreparável (chorando...), mas ele formou muita gente no Brasil todo. Por outro lado, eu fui uma pessoa que tive o privilégio de trabalhar em alguns projetos que foram pioneiros, que mesmo não tendo durado muito tempo eles significaram desafios à realidade instituída. Por exemplo, o projeto dos CIEPs foi um projeto completamente diferente, um projeto polêmico, mas eu acho que ninguém que trabalhou no projeto dos CIEPs aqui no Rio de Janeiro, entrou e saiu do mesmo jeito. Porque foi um projeto que disse “a escola pode ser diferente, os filhos da classe trabalhadora têm direito a uma escola de horário integral, tem direito a ter uma biblioteca que não tenha apenas livro didático, mas que tenha livros de procura geral, que as crianças cujas famílias não tem condições de que as crianças possam ir pra escola e ficar na escola, e que estão em situações de emergência, pudessem, por exemplo, morar na escola sob a orientação de um pai social”. Acho que foram desafios, propostas que criaram grandes celeumas, criaram grandes atritos, muitas discussões, geraram muitas teses de doutorado, porque também a ciência da educação teve que se ocupar dessa proposta, acompanhar essa proposta, verificar em que medida ela deu certo, em que medida ela deu errado, que vai desde a arquitetura do prédio até a proposta pedagógica... então, acho que tive muito privilégio de poder ter participado desse programa. Um outro programa que foi muito importante foi o do Centro de Ciências. Formação continuada de professores da rede. Chegamos a atender 35 municípios do interior do Rio de Janeiro e aprendemos muito com os professores que freqüentavam o curso! Porque aprendemos de realidades que a gente não imagina. Nós vivemos na capital e não temos noção do que é o interior do Rio de Janeiro! De professores que vinham e aproveitavam que estavam em Nova Friburgo pra comprar um

jornal de domingo porque na sua cidade não tinha nenhum jornal! Tinha uma professora que quando perguntamos se ela queria um kit de ciências pra escola ela disse “não, eu quero livros de história, porque eu copio os livros de história pras crianças, copio à mão, porque na minha escola não tem livros de história.” Das professoras que viam naquele curso oportunidade não só de aprender coisas novas, mas de serem respeitadas como profissionais. Elas diziam assim: “ai, aqui é tão bom”, elas ficavam sexta, sábado e domingo na escola, “que eu posso me sentar pra almoçar e pra jantar e sou servida. Na minha casa eu como de pé, porque eu como no intervalo das aulas da manhã e da tarde, servindo meu marido e meus filhos, então eu não posso sequer me sentar.” Então acho que foi uma experiência, muito importante porque o professor não é só o que ensina, é o que aprende também, né? Se ele não aprender ele não ensina nada. Foi uma experiência muito interessante. Acho que uma terceira experiência que pra mim foi fundamental também foi logo que eu ingressei na universidade. A universidade estava fazendo sua reforma curricular do curso de Pedagogia. E estava fazendo sua reforma curricular em Niterói a partir de uma proposta inovadora, pioneira, de formação de professores em Angra dos Reis. Um convênio com a prefeitura de Angra dos Reis. E que foi um curso que está agora infelizmente se extinguindo por embates com a prefeitura que não quer mais, porque acho que até a nossa capacidade de resistência dentro da universidade meio que se esgotou, mas que foi um curso emblemático, mostrando também que era possível organizar curricularmente um curso de Pedagogia de outra forma, articulado a uma problemática local, comprometendo o poder político local com os direitos dos trabalhadores da educação. Porque para que nós fizéssemos o curso lá em Angra a prefeitura se comprometeu com plano de carreira, com salário adequado, com liberação de professores, com uma série de quesitos que acho que deram aos professores um respeito social diferenciado. E oportunizaram pra esses professores uma formação de nível superior numa universidade pública, coisa que o município não dispunha. De *nenhuma* universidade! Então, a nossa inserção em Angra dos reis, que já dura 15 anos praticamente foi também um trabalho muito interessante, porque foi um trabalho muito articulado. Os professores tinham e tem a prática de uma reunião semanal de planejamento, uma reunião semestral com a totalidade dos alunos e dos professores, a avaliação do que ocorreu naquele período e de proposição do período subsequente. Então de avaliação e

planejamento coletivo. Acho que essas questões todas, pra mim, foram muito importantes. Foram três experiências que eu vivi aqui no Rio de Janeiro muito interessantes.

Mas que mudaram o que em você?

Acho que elas foram me dando uma compreensão mais madura dos diferentes aspectos do processo educativo, das várias faces que o processo educativo tem. Acho que essa é uma questão. E por outro, acho que nessas experiências eu pude conviver com profissionais formados em diversas áreas do conhecimento. Então isso pra mim também foi enriquecedor. Porque pude trabalhar com profissionais dos diferentes níveis de ensino, do fundamental até a pós-graduação, mas também com diferentes áreas do conhecimento. Eu também trabalhei como professora no mestrado em Ciências Ambientais, da universidade. Ajudei a construir aquele mestrado. Também foi uma experiência importante, a lato sensu em EA também foi importante. Mas acho que esses três grandes programas, justamente porque eles eram programas coletivos, que tinham um impacto diferenciado numa realidade, eles nos permitiram compreender a realidade educacional de uma forma diferenciada. Fora momentos muito significativos. E depois eu acho que uma coisa que atravessa minha vida, desde o tempo em que eu estava no segundo grau, que é uma militância política. Eu hoje faço parte da diretoria de nosso sindicato. Então sou uma pessoa que tem um inserção dentro da universidade, não apenas do ponto de vista acadêmico, como professora, mas me compreendo, fiz uma opção, eu acho, de vida, não propriamente por ser uma professora, mas por ser uma servidora pública. Então, eu já trabalhei em vários espaços públicos com essa perspectiva de me constituir como uma servidora pública. E nessa medida tenho um compromisso ético-político com o serviço público. Então, desde que ingressei na universidade sempre tenho militado no nosso sindicato dentro dessa perspectiva mais ampla, de que não represento os interesses, de que não me agrego aos interesses específicos dos docentes, mas dos servidores públicos em geral. E nessa medida, trabalho juntamente com os servidores administrativos e com os estudantes. Porque o serviço público se consolida não só pelo trabalho daqueles que ficam lá sempre, professores e funcionários, mas também pela presença dos alunos. A forma como os alunos se inserem no espaço público modifica o espaço público. *Garante o*

espaço público, *não garante* o espaço público. Ajuda a privatizar o espaço público. Porque os estudantes estão lá e eles têm uma vida efêmera como estudantes, mas eles são representantes da sociedade brasileira. Então expressam também uma perspectiva do papel que a universidade tem que desempenhar na sociedade.

Você estava falando da sua opção pelo serviço público, antes da universidade com que você trabalhava?

Bom, eu fui professora concursada do estado, da área de Filosofia e trabalhei então na Secretaria de Educação do Município, na Secretaria de Educação do estado, na Secretaria de Ciência e Tecnologia, através do ensino de ciências. Então pude também participar dos níveis decisórios. Trabalhei na FAPERJ, assessorando a presidência da FAPERJ. E antes ainda de fazer concurso pro estado como professora, eu trabalhei durante um tempo na EMBRATEL. No tempo em que a EMBRATEL não havia sido privatizada, junto à vice-presidência da EMBRATEL, num lugar que tinha sob a orientação dessa vice-presidência a área de recursos humanos. Então trabalhei nos cursos que buscavam dar aos profissionais da EMBRATEL uma visão mais ampliada da responsabilidade do setor das Telecomunicações para o desenvolvimento do país. Então, era um setor que buscava trabalhar conhecimento sobre a história do Brasil, sobre a história da industrialização brasileira, sobre a história da cultura brasileira. Foi um período muito interessante também, e naquele período, isso foi nos anos 80, nós chegamos a realizar alguns trabalhos do uso da informática na educação, com a rede pública do Distrito Federal, e também com algumas experiências em regiões faveladas do Rio de Janeiro. Como as crianças se apropriavam do uso do computador e em que medida isso poderia ser uma estratégia interessante dentro da escola e era uma necessidade se nós quiséssemos ampliar as possibilidades sociais do povo brasileiro de partilhar de uma sociedade mundial altamente tecnologizada. Então também foi um período muito interessante este de vivenciar a vida de uma empresa nacional que trabalhava com conhecimento de ponta e altamente estratégico, que é o das telecomunicações. Transmite, enfim, as comunicações do país inteiro, responsável por uma forma de integração nacional muito interessante. Se no tempo do Juscelino as estradas tinham esse papel e era objetivo ao criar a Belém-Brasília, a Transamazônica no período militar, enfim, se as vias físicas

eram importantes e eram entendidas como integradoras, as vias da comunicação são absolutamente estratégicas hoje. Então também foi uma experiência... apesar de muito curta, dois anos, mas foi muito interessante também. Que vinha de uma situação de afastamento do Brasil. Porque eu depois que terminei a universidade fui embora do Brasil, fiquei sete anos na Alemanha.

Por que? Foi estudar...?

Não. Eu e meu marido éramos militantes políticos e aquele momento foi um momento extremamente complicado pra nós, vários dos nossos professores foram cassados, inclusive o Gerd e saímos do Brasil numa situação bastante complicada e ficamos lá sete anos. Então, eu pude também vivenciar uma outra realidade social, uma outra forma de organização da sociedade, da educação, da produção material da vida, dos espaços culturais, que aquela sociedade desfrutava, porque isso foi no período dos anos 70, então foi um momento em que a sociedade européia desfrutava do chamado *welfare state*. Então a classe trabalhadora tinha conseguido obter ganhos de qualidade de vida, acesso a serviços públicos, toda a educação gratuita, saúde gratuita, postos de saúde, o atendimento das creches, enfim, uma série de bens que eram bastante coletivos naquele momento na Alemanha. E também pude, lá, vivenciar o surgimento dos partidos verdes. Porque o Partido Verde alemão é um partido pioneiro no mundo, que se constituiu como uma força política muito importante, a partir da conferência de Estocolmo e da discussão da questão ambiental no sentido mais amplo. Essa também certamente não é uma questão menor na minha sensibilização pra temática ambiental. O fato de nos anos 70 eu ter sido alertada já pra estas questões a partir dessa discussão intensa que houve na Alemanha a respeito, por exemplo, das fontes de energia, como Angra 1 e Angra 2, e agora Angra 3. Enquanto lá já se contestava a energia atômica como uma forma de energia, o Brasil estava comprando da Alemanha essas centrais. Pude viver esse conflito de posições. A indústria alemã vendendo alguma coisa que a sociedade alemã contestava. Acho que essas foram vivências que me auxiliaram a ficar alerta pras questões ambientais.

Sua família é alemã, não?

É... é o sobrenome do meu marido, que é um sobrenome alemão, mas eu, de origem, sou neta de alemães, italianos e franceses. Por parte de mãe eu sou 100% italiana. Por parte de pai eu sou 50% alemã e 50% francesa. Então é uma mistura muito comum no Rio Grande do Sul. Neta de imigrantes que vieram no final do século XIX para o Brasil.

Falando de família, como é que era sua infância, sua relação com a sua família, o que que foi importante...?

Acho que falar de família relacionado com as questões educacionais e mais ao tema que você está abordando acho que poderia dizer o seguinte: o meu pai, sendo engenheiro, teve uma formação científica e tecnológica que me fez atribuir à razão e à capacidade crítica, um valor. O fato de meu pai ter essa formação fez com que ele nos ensinasse que o conhecimento é um elemento emancipador, é um elemento libertador, porque quanto mais eu conheço, quanto mais eu compreendo a realidade, mais eu tenho autonomia pra interferir nessa realidade. Então eu diria que, se eu quisesse sintetizar com uma palavra este tipo de influência, que ele é um homem que defendeu muito os valores liberais. A idéia de que as pessoas podem fazer suas trajetórias, de que as pessoas se apropriando do conhecimento e desenvolvendo um pensamento lógico (esta sempre foi uma marca da forma dele se comportar diante da realidade) isso seria sempre um elemento que daria ao ser humano uma autonomia e uma igualdade. Que, portanto, os valores materiais, o que eu tenho ou não tenho não deveria privilegiar ninguém e ninguém deveria se sentir inferiorizado por não ter bens materiais. Que a cultura seria um elemento equalizador na sociedade. Ele sempre valorizou muito a educação e a cultura. Acho que esta é uma coisa que marca essa minha trajetória e provavelmente tem alguma influência no fato de eu ter escolhido o campo da educação. Por outro lado, do lado da minha mãe, que vinha de uma família muito grande, de uma família camponesa, de uma família que vivia da terra, ela compreendia que a realidade do campo era uma realidade que se por um lado garantia a sobrevivência física das pessoas, por outro lado não era um espaço onde as pessoas pudessem partilhar o conhecimento. E ela embora não tenha tido uma escolaridade regular, foi uma autodidata e ela ao longo da vida sempre procurou novos conhecimentos. Então, era uma pessoa que lia muito, que sempre fez muitos cursos, era uma dona de casa, mas ela não se restringia ao espaço da casa, o que era uma coisa

surpreendente pra geração dela, pro meio do qual ela vinha. Então era uma pessoa que não só procurou fazer aqueles cursos típicos da mulher do lar, de culinária, costura, bordado, ela sabia todas essas coisas, como ela foi aprender encadernação de livros, outras coisas que se distinguem das coisas do lar. Como depois foi fazer curso de francês, de inglês, ela lia um pouco de italiano, era uma pessoa que tinha uma curiosidade intelectual. Que me mostrou que não necessariamente só a escolarização regular é que dá às pessoas cultura. Que a cultura vem de muitos lugares. Então acho que isso me serve na minha prática educativa a ficar atenta ao conhecimento que os nossos alunos têm, sejam eles de que nível de escolaridade for, porque todas as pessoas têm conhecimentos. Que, portanto, nós não partimos da tabula rasa. Pude vivenciar isso em minha casa desde a minha infância e não aprender isso como teoria educacional aprendida na universidade apenas, mas vivenciar isso desde a minha infância, de que as pessoas fazem suas trajetórias de apropriação da realidade e com isso constroem conhecimento e cultura, para além dos bancos escolares. Acho que esses são dois elementos familiares que me trouxeram alguns valores em relação ao conhecimento, à cultura, à educação, à autonomia, que eu acho que isso também foi importante pela minha condição de mulher. Porque eu também sou de uma geração que nos anos 60 vai lutar pela emancipação da mulher, pela igualdade de direitos etc, mas que luta com isso até hoje como uma luta que não pode cessar porque essa igualdade não se estabeleceu e se ela não existe hoje há quarenta, cinquenta anos atrás ela existia menos ainda. Então, acho que eu venho de uma casa e de uma família que incentivavam esses valores da autonomia da mulher, dos direitos da mulher e da necessidade da mulher, enfim, ter o seu espaço próprio na sociedade, ser um ser autônomo que se coloca diante da sociedade, que tem a sua própria forma de pensar, que não se subordina ao homem e isso eu aprendi tanto do meu pai, quanto da minha mãe. Então, acho que essas coisas também são valores que estão subjacentes não na minha trajetória educacional, profissional apenas, mas na minha trajetória de vida.

**E em que você estava interessada, preocupada nessa época de criança?
O que chamava sua atenção?**

Olha, eu acho que a questão da desigualdade social sempre foi pra mim um problema. Desde a minha infância. Desde o meu jardim de infância. Então, por exemplo, o pouquinho tempo em que estive no jardim de infância... porque eu não

gostava do jardim, achava que lá eu não aprendia nada de novo, eu queria aprender a ler e a escrever, e no jardim eles não queriam me ensinar isso, então eu fui rebelde, fiquei pouquinho tempo no jardim, minha mãe teve que me tirar da escola, porque eu disse: aqui eu não fico porque eu não tenho nada pra aprender aqui, quero ir pra um lugar em que eu vá aprender a ler! Eu tinha o sonho de aprender a ler. Mas a minha vivência do jardim que eu me lembro era de crianças querendo comer a merenda que eu tinha levado de casa. Porque eram coisas que eles não tinham na casa deles. Então aquilo, desde essa época, a questão da desigualdade social pra mim é uma questão que me chama a atenção. E como eu sempre estudei em escola pública, acho que foi... talvez estudar na escola pública a vida toda tenha me marcado muito. Mais do que qualquer outra coisa. Mais até do que as coisas que eu aprendia dentro da minha casa. Uma coisa é o discurso do pai e da mãe. Outra coisa é a realidade do mundo. E eu acho que eu aprendi muito com a realidade do mundo pelo fato de ter sido aluna da escola pública.

Por que? Como que a escola foi marcante pra você?

Eu acho que a escola pública, mesmo aquelas que são consideradas as boas escolas públicas, que muitas pessoas dizem que são escolas elitistas, acho que mesmo essas, expressam muito claramente as diferenças sociais, expressam as contradições da sociedade e elas têm a liberdade de trabalhar com vários enfoques, várias visões de mundo. Aquilo que a gente espera que uma boa universidade pública viabilize, que é um debate de paradigmas, um confronto de idéias, de referenciais teóricos, acho que a escola pública, toda ela, ela permite essa pluralidade. E acho que isso me marcou muito, porque oportunizou ver a realidade sob vários enfoques, sob várias perspectivas. E conviver com as várias classes e subclasses da sociedade. Porque estudei em escolas públicas. Estudei no Instituto de Educação. Fiz escola normal, fiz o ginásio no Instituto de Educação. Em Porto Alegre. Então, estudei com as pessoas pobres e as pessoas ricas da minha cidade. Convivi com culturas diferentes, com formas diferentes de se inserir na escola, com as pessoas que precisavam da escola porque lá era o lugar onde elas iam se alimentar e ganhar os livros, cadernos, uniformes. Mas também com as pessoas que não precisavam de nada disso, mas que estavam lá porque era uma boa escola. Acho que a escola pública me marcou sempre por essa perspectiva, da necessidade de nós termos visões diferenciadas sobre a realidade

pra com isso oportunizar as pessoas a formulação de um pensamento próprio pelo confronto das idéias e a oportunidade de vivenciar as diferentes realidades sociais e econômicas, pra também confrontar as suas idéias com a realidade, pra ver em que medida elas têm uma articulação, elas dizem da realidade ou são pura imaginação. Enfim, acho que isso também balizou muito a decisão que eu e meu marido tomamos de que os nossos filhos só estudariam em escolas públicas. E os dois só estudaram em escolas públicas! Então, esse foi um elemento importante da minha trajetória escolar, ter essa compreensão e essa valorização do espaço público, como um espaço de liberdade, de expressão de idéias, de confronto de idéias e de confronto de idéias com a realidade concreta. O que na escola particular nem sempre é possível.

E aí, como foi essa sua opção pelo curso Normal?

Eu hoje não saberia dizer exatamente o que me moveu em direção ao curso normal. Eu penso que de alguma forma a compreensão de que a educação é um elemento, tem uma dimensão emancipadora. Acho que pensar que você pode formar as pessoas pra que elas se emancipem, ganhem mais autonomia, sejam mais protagonistas das suas vidas. Agora, até que ponto eu naquele momento podia ter consciência disso é difícil dizer. Essas trajetórias nem sempre são tão claras pra nós, como elas se organizam... talvez pelo fato de que eu tenha ido pro Instituto de Educação na quinta série... porque a minha família me apresentou duas possibilidades quando eu terminei o primário (vou usar agora a terminologia da minha época). Quando eu terminei o primário eu tinha a possibilidade de ir para uma escola, que até talvez fosse condizente com a minha posição social, uma escola particular de freiras, ou ir para uma escola pública, portanto, laica. E eu disse: pra escola religiosa não vou em hipótese alguma! E até sou formada dentro de uma família católica. Mas essa separação entre a igreja, que é da esfera privada e a cultura e a educação que são da esfera pública, isso era demarcado, talvez mais pela influência do meu pai e então eu disse “pra escola religiosa não vou em hipótese alguma”. Me habilitei talvez pro vestibular mais difícil que eu fiz na minha vida, que foi disputar uma vaga no Instituto de Educação. Pra ir pra quinta série, fazer o famoso “admissão”. Então, acho que o ambiente do Instituto de Educação, o fato de ser uma escola enorme, de ser uma escola que tinha o ginásio e a escola normal, me mostrou o mundo da educação assim muito interessante, ele

era muito imponente, o próprio prédio era muito imponente, a forma como as pessoas se moviam dentro da escola, os professores eram pessoas muito respeitadas, eles tinham um status social. Não do ponto de vista econômico, mas do ponto de vista social, porque a educação era respeitada, as pessoas que estavam ali significavam, elas não eram o que elas eram como pessoas, mas o que elas significavam na sociedade e a educação era uma coisa que parecia pela forma como a escola se organizava, aquilo parecia ser uma coisa importante pra sociedade brasileira. Então, talvez isso tenha me movido a permanecer dentro daquela escola e enfim, ingressar na escola normal.

Teve algum momento que você sentiu que se dedicou mais a construir ou modificar deliberadamente sua trajetória profissional?

Na medida em que eu tive uma trajetória de vida um tanto atípica eu acho que quando eu voltei pro Brasil eu fui fazer minha trajetória pós-graduação e aí acho que eu também já estava numa fase em que meus filhos estavam numa idade que já não precisavam tanto de mim. O fato de eu ter ficado fora do Brasil muito tempo, isso afasta muito as relações sociais, o fato de eu estar fora do lugar onde vivia minha família fez com que eu também como unidade familiar fosse uma unidade muito restrita. Não contava com os apoios tradicionais no Brasil, da sogra, da mãe, da tia, da vizinha, disso, daquilo. Achei que era também meu compromisso, atender, cuidar dos meus filhos na sua fase inicial de vida.

Quando vocês viajaram eles eram pequenos...

Não, quando nós viajamos eles não existiam. Voltei da Alemanha com um filho de três anos. Aí quando nós chegamos meu marido fez concurso pra uma universidade em Belo Horizonte e nós moramos um ano em BH. Nosso segundo filho nasceu em Belo Horizonte. Então de novo foi uma mudança. Depois em seguida nós viemos pro Rio. Então, nós fomos sempre nos desenraizando. Isso exigia um mínimo de estabilidade, eu achava, pras crianças. E acho que fiz certo. Então, só depois que eles realmente entraram no primeiro ano da escola regular é que eu achei que poderia daí investir realmente na minha carreira profissional. Aí fui fazer concurso. Pro estado, depois pra universidade e consolidar a minha carreira. Por isso a minha carreira é uma carreira tardia. Estou chegando num ponto que os meus colegas de turma da faculdade já estão todos aposentados.

Porque aqueles sete anos que eu fiquei fora do Brasil são anos que não contam pra minha trajetória profissional. Contam em termos qualitativos, mas não contam na trajetória profissional para aposentadoria, direitos sociais, essas coisas, né. Então, nesse sentido acho que foi a partir daquele momento que eu pude efetivamente consolidar uma direção.

E teve algum momento em que você se sentiu desanimada ou isso não fez parte?

Olha, acho que faz parte da trajetória humana momentos de muitas dúvidas sobre os caminhos a seguir e depois na medida em que eu sempre fui uma pessoa engajada politicamente claro que todo o período da ditadura foi um período muito desanimador numa série de momentos, uns maiores outros menores, mas enfim, a idéia de que o país se mantinha sob uma ditadura há tanto tempo e que nós lá na nossa ingenuidade de militante logo depois do golpe achávamos que aquilo não se sustentaria por mais do que alguns meses, quando aquilo não só se estendeu por meses como por vários anos isso foi bastante desalentador. Todos nós vivemos momentos de desânimo. Mas por outro lado, a própria militância, dialeticamente pensando, por outro lado também diz o seguinte: as nossas trajetórias individuais são importantes, mas elas só se realizam plenamente no sentido da transformação no campo do coletivo e o coletivo é histórico. Então, não podemos pensar em tempos muito curtos. A gente sempre tem que pensar numa perspectiva histórica de prazos mais longos. Então nessa medida a gente sempre é impulsionado a viver e a buscar concretizar a esperança de um outro mundo. Possível, necessário, realizável, embora talvez não se realize durante o tempo de vida histórico de um sujeito, mas se realize no tempo de vida histórico de várias gerações. Então, claro que eu vivi vários momentos de desânimo e de descrença... “será que vai ser possível, quando que vai ser possível? Será que nós vamos voltar a fazer alguma coisa que faça sentido? Será que nós vamos encontrar outras pessoas que pensem da mesma maneira?” Porque você tem momentos em que parece que uma sociedade toda pensa por um determinado lado, né? Isso nunca é verdade, mas tem momentos em que se obscurecem as outras alternativas. Então, acho que vivemos no mundo vários momentos. Quando houve o que a gente chama emblematicamente de a época da queda do muro de Berlim, quer dizer, o fim da perspectiva socialista, então será que isso é um fim definitivo? Será que esta

perspectiva utópica nunca mais vai se colocar pra humanidade? E a gente vê que são visões de mundo que continuam em disputa, que continuam presentes, que continuam postas para a humanidade, como perspectiva histórica, mas são momentos em que as forças sociais sofrem revezes. A minha geração viveu muitos revezes, porque nós fomos assim... claro, todas as gerações, as gerações que viveram a primeira guerra mundial, a segunda guerra mundial, também devem ter tido uma sensação de fim de mundo, a minha geração viveu a guerra do Vietnã, viveu o fim do muro, viveu as ditaduras todas da América Latina. Vivemos vários momentos muito aflitivos. Hoje vivemos um período das guerras declaradas, como a do Iraque, mas também vivemos a guerra do desemprego em massa, da violência, continuamos vivendo a guerra da exploração do trabalho infantil, dos maus tratos às mulheres, enfim, todas as gerações têm lutas que são muito maiores do que o indivíduo consegue pensar e se posicionar diante delas. Cada geração tem seus desafios e em certos momentos parecem avassaladores, que você nunca vai dar conta daquilo, que nunca vai chegar o dia seguinte, mas acho que são momentos que passam, felizmente. Não sou uma pessoa desanimada da vida, pelo contrário. (risos)

E os seus dilemas e as suas dúvidas, quais são?

Eu tenho me perguntado muito em função das reformas educacionais que estão em curso no país onde nós deveríamos investir melhor as nossas energias. Tem momentos que parece que é nos dedicando integralmente à educação, por exemplo, no âmbito da graduação, formar os professores. Outros momentos parece que no âmbito da pesquisa e da política científica e tecnológica do país. Em outros momentos parece que deveríamos investir o melhor das nossas energias nos movimentos sociais. Nas lutas políticas mais explícitas e mais específicas. Então, acho que esses são dilemas que eu vivo pessoalmente, mas que expressam também dilemas de uma certa geração e de certos grupos políticos. Acho que dentro da universidade a gente vivencia um pouco desse dilema hoje, quer dizer, essas reformas todas que estão vindo e que vão afetar profundamente a escola e agora mais especificamente a universidade, acho que isso traz a perspectiva de que talvez a gente vá viver ainda um tempo grande sendo pautados pelos paradigmas produtivistas, de que não importa *o que* você faz, mas *quanto* você faz. Como você *quantifica* o que você faz. Quantas horas, quantos trabalhos

escritos, quantos livros publicados, quantos, quantos, quantos... sem a gente refletir sobre o impacto dessa nossa produção, sua relevância social, em que medida o que nós fazemos pela sociedade se reverte numa melhoria da educação, ou numa melhoria da vida das pessoas ou seja lá o que for. Então acho que esse, por exemplo, é um dilema grande. Ao que devemos dedicar as nossas melhores energias nesse momento? Onde? Qual o lugar mais estratégico, mais importante? Não acho que tem uma resposta só. Cada pessoa, no lugar aonde estiver, tem que fazer o melhor que puder.

Você acha que você é exemplo do que na sua vida?

Essa é uma pergunta muito complicada. Acho que não somos nós que temos de responder do que nós somos exemplo. (Risos...) Acho que são os outros, se é que somos exemplo de alguma coisa, é que vão dizer do que somos exemplo. Eu não sei, realmente não saberia dizer.

Não, não é que seja um exemplo intencional, mas querendo ou não as pessoas convivem e se observam mutuamente. Então, sempre se acaba sendo exemplo de coisas.

Eu não sei, acho que talvez o que me incomode mais seja a palavra exemplo. Porque acho que o exemplo, talvez de uma forma equivocada de minha parte, eu veja como modelo a ser seguido. Mas eu acho que não se trata disso. Mas talvez uma característica que as pessoas me atribuam é que eu sou uma pessoa que busco incessantemente coerência entre teoria e prática. Então, procuro não dizer por palavras nem por textos escritos, coisas que eu não pratico. Então acho que a coerência teórico-prática talvez seja uma característica que as pessoas me atribuam. Depois uma outra característica que também as pessoas me atribuem e que eu própria me atribuo e me esforço por é ser uma pessoa militante naquilo que eu faço e acredito, é ser uma pessoa que transcendendo meu espaço individual e procuro no coletivo me entrosar politicamente e procuro nessa medida influenciar a direção que as coisas tomam. Acho que o nosso grupo LIEAS hoje busca direcionar pra uma perspectiva de apreensão e de definição do que seja EA. Nesse sentido nós estamos influenciando, não estamos sendo neutros e dialogando fraternalmente com as outras posições. Acho que nós temos uma posição, afirmamos esta posição e disputamos essa posição no campo da EA. Então, acho

que sou uma pessoa que disputo posições no campo acadêmico. E aí, eu diria que sou reconhecida pelas funções que as pessoas me atribuem. Aí as pessoas me atribuem coordenação disso, participação naquilo, eu acho que as pessoas fazem essa leitura.

E como você acha que as pessoas vêem o seu trabalho?

Acho que as pessoas vêem o meu trabalho como um trabalho sério, competente, como um trabalho, talvez aí por parte dos alunos, os alunos da PG sempre têm muita dúvida da minha permanência na PG. Pelo fato da PG estar sendo pautada cada vez mais por critérios produtivistas, com os quais eu não concordo. Então, eu sempre me pergunto, eu sou professora da PG há 14 anos, se eu devo continuar ou abandonar a PG. E o que me mantém na PG até hoje é o retorno dos alunos de mestrado e doutorado que vêem em mim uma professora que se ocupa desses trabalhos deles de uma maneira muito criteriosa, de uma maneira exigente, mas de uma maneira extremamente respeitosa. Com isso não dizendo que os outros professores não sejam extremamente respeitosos também. Mas que, não sei por que motivo, eu teria uma característica que eu conseguiria ver nos trabalhos deles coisas que eles próprios às vezes não vêem, eles mesmos não valorizam. Acho eu sou valorizada por esse aspecto pelos alunos da PG, muito mais por este aspecto do que pela minha produção bibliográfica que nem é grande. Mas a maneira como eles insistem, por exemplo, para que participe das bancas ou de projetos, bancas de dissertação, bancas de tese, como eles insistem e valorizam que eu coordene uma disciplina que nós temos na PG, que nós do campo de pesquisa trabalho e educação chamamos de orientação coletiva, que é a construção do objeto de pesquisa, mas que nós fazemos coletivamente. Porque eles acham que eu tenho uma forma de ler os trabalhos deles que ajuda. Então, acho que essa é uma característica do meu trabalho que eu meço dessa maneira, a partir do retorno dos alunos e que me mantém na PG. Então, acho que toda pessoa tem uma certa especificidade de forma de ser, que vai evidenciando características, que são qualidades, mas aí não são essas qualidades exemplares. São características que outros colegas têm porque são excelentes orientadores do ponto de vista da metodologia, outros porque têm textos que se constituem na nossa bibliografia básica, por exemplo. Então eles têm esse valor de terem escrito textos que se tornam clássicos na área. Então, acho que da sua pergunta o que me

incomodou foi a palavra modelo, quer dizer, exemplo. Exemplo pra mim é assim um pouco de modelo e acho que isso ninguém quer ser, modelo pra ninguém.

E como você mesma vê o seu trabalho?

Eu acho que o nosso trabalho assim... eu não vejo primeiro o meu trabalho descolado do trabalho coletivo. Tanto é que tenho dificuldade de dizer assim “*meu trabalho*”. Mas pra dizer *o meu trabalho* ele tem méritos, no sentido de que eu sou uma professora que procura se capacitar sempre mais pra realizar um trabalho de melhor qualidade, porque eu sou muito atenta aos alunos, porque eu procuro através do meu trabalho fortalecer a instituição na qual estou inserida, garantindo a qualidade do espaço público. Mas eu acho que também tem momentos em que a gente tem a sensação de um certo esgotamento da nossa capacidade de trabalho e que a gente precisa se reciclar, por assim dizer. Precisa se afastar daquele trabalho, ter uma interlocução maior com o trabalho de outros, pra se realimentar e voltar a ser interessante. Então, eu acho que eu vivo momentos em que eu acho que fico meio repetitiva, meio desinteressante porque a gente começa a entrar numa rotina de trabalho que eu acho que não é boa. Por exemplo, eu estou agora entrando com uma solicitação no meu departamento pra fazer uso de uma licença que é assegurada aos servidores públicos de que a cada 5 anos eles têm direito a três meses de afastamento para capacitação. Então, estou entrando com este pedido pra ver se de setembro a novembro eu me afasto pra poder me dedicar mais a uma pesquisa nova, poder me afastar fisicamente do prédio da universidade, porque chega uma hora que a gente trabalha tanto, tanto, tanto, que fica a sensação de que a gente não sai de dentro daquele prédio de segunda a segunda, porque sábado e domingo você traz as teses e dissertações pra ler em casa, então a sala de trabalho de lá fica prolongada na sala da sua casa. Então, essa sensação de que não consigo sair dali vai me dando uma sensação de afogamento. E eu não gosto disso. Você vê pela minha trajetória que eu não sou a filha de um único lugar. Eu às vezes escuto colegas assim: “ah, eu estou aqui toda minha vida, porque fui aluna aqui na graduação, depois na pós-graduação, depois virei professora, depois me aposentei e continuei aqui”. Então se a pessoa teve a trajetória ligada a uma instituição, ou a uma cidade... Eu já morei em muitas cidades, em muitas casas, em mais de um país, fiz muitas coisas, já convivi com grupos muito diferenciados e acho que tudo isso foi de uma riqueza muito grande.

Eu aproveitei muito essa possibilidade dessa diferenciação de enfoques, de perspectivas, de espaços institucionais e não-institucionais. Então, eu nesse momento me ressinto disso, de até por motivos familiares, de doença da minha mãe, do meu pai, precisei ficar no Rio de Janeiro o tempo todo nos últimos anos e isso pra mim agora está se tornando um peso. Eu sinto que eu tenho necessidade de voltar a ter essa interlocução mais abrangente com o mundo. Respirar.

E como você faz pra conciliar essa vida profissional agitada com a vida particular?

Do jeito que todas as mulheres fazem, cinco jornadas de trabalho... (risos) ...é isso, é uma sobrecarga de trabalho que no longo prazo é uma loucura... Isso eu acho que não é *exemplo* pra ninguém! Acho que essa forma como estamos organizando a nossa vida ela não é um mérito, não é alguma coisa que deve nos botar no pedestal dos mártires! Eu acho isso um horror. Acho que devemos organizar a nossa vida de forma que nós possamos diversificar as coisas que fazemos, devemos ter espaços diferenciados de vivência no cotidiano que não se resumam ao nosso trabalho, que não subsumam todas as nossas esferas da vida ao trabalho, que os nossos amigos não se reduzam aos nossos colegas de trabalho, porque acho que isso não nos enriquece, isso nos empobrece, porque isso vai tornando as nossas próprias reflexões muito endógenas, muito fechadas num certo grupo. Então, eu gostaria de poder trabalhar menos, de me organizar melhor de forma que eu pudesse separar melhor essas esferas das minhas vivências. Isso não é bom, ter essas jornadas. E depois é situação própria de quem vive em megacidades. Qualquer cidade que tenha mais de dois milhões de habitantes é ingerenciável. Por todos os motivos. Eu acho que é um absurdo que eu gaste todos os dias três a três horas e meia no trânsito, indo do Jardim Botânico ao campus do Gragoatá e voltando ao Jardim Botânico. Todos os dias, três horas e meia de vários ônibus é um absurdo, e mesmo que fosse carro, seria a tensão de estar dirigindo, do medo de ser assaltada, de ficar num engarrafamento, de andar sozinha, então eu acho que existem problemas que não são da esfera pessoal, são da esfera de organização da vida social que são desastrosos, pra nós e pra toda a população que vive sob essas condições, eu acho isso intolerável.

O que você acha que é uma característica sua muito marcante, uma ação recorrente do seu comportamento?

Eu não parei pra pensar nisso. Por que aí você... isso já seria uma coisa do campo da psicologia! Uma análise psicanalítica.

Não tenho essa pretensão, nem é da minha área. Mas não é tão difícil da gente observar também. Existem certas atitudes, certos tipos de comportamento que a gente tende a repetir, né?

Talvez eu seja uma pessoa muito controladora. Em que sentido? Na medida em que eu fui vendo que a relação teoria-prática na minha vida não se desarticula, eu tenho sempre a necessidade de saber o que está se passando, pra me orientar como eu vou me conduzir e pra refletir sobre a minha forma de me conduzir. Então, isso se reveste pra mim às vezes de um sentimento de uma certa insegurança se eu não tenho clareza de todos esses aspectos. Então, isso me sobrecarrega muito de trabalho, porque eu sou uma pessoa que tenho uma certa dificuldade de delegar tarefas, porque eu delego e vou conferir. Então eu faço os dois trabalhos, um, delegar e depois conferir, que é quase fazer de novo. Eu até acho que nem é só uma característica, eu apontaria essa característica, no sentido que você deu à característica, de algum comportamento que se repete, como um *defeito*! É uma coisa que não me faz bem e acho que não faz bem aos outros também! Então... mas é uma característica. Porque se mesmo tendo consciência de que ela não é uma coisa sempre positiva... é claro que em algumas situações ela é positiva porque me antecipo a certas coisas, eu evito certos problemas. Mas acho que no geral funciona mais negativamente porque me mantém num estado alerta, de tensão, maior do que se eu não fosse assim e imagino que é uma característica na medida em que embora ciente e consciente de que isso nem sempre é positivo eu não consigo alterar isso muito. Acho que já alterei um pouco, mas ainda preciso completar.

É, esse tipo de exercício às vezes é de longo prazo mesmo.

Às vezes é de longuíssimo prazo! (risos)

Como você gostaria de ser lembrada?

Eu acho que essa pergunta eu passo. Eu acho que ninguém vive a vida, e nem é produtivo viver a vida na expectativa de ser lembrado por isso ou aquilo. Acho que é uma, não vou dizer que é uma dimensão indevida pro ser humano, mas eu acho que seria uma perspectiva que amesquinhasse o que a gente faz. Acho que na medida em que você tiver essa intencionalidade, você vai limitar sua ação, vai direcionar sua ação, por um motivo que ainda que seja legítimo, acho que ele é menor. Então, não faz parte de minhas expectativas. Por isso eu digo que eu passo. Eu nem tematizaria essa pergunta.

O que você imagina estar fazendo daqui a uns dez anos?

Acho que tendo liberdade pra me dedicar às mesmas coisas as quais eu me dedico, e que hoje eu me sinto obrigada a fazer. Então não é mudar de trajetória, não é assim: eu tive um sonho e no dia em que eu me aposentar eu vou fazer. Não! Eu faço exatamente o que eu gosto de fazer, só que eu acho que hoje eu não tenho a liberdade de fazer. Sou obrigada a fazer em tempos que eu não acho que sejam os melhores, nos formatos que eu não acho que sejam os melhores. Eu acho, por exemplo, que eu gostaria de me dedicar à questão ambiental de uma maneira mais militante, mais política. E no entanto eu sou obrigada, pelo meu contrato profissional, meu contrato de trabalho, a transformá-la numa questão acadêmica. A academicizar demais a questão, que pra mim nesse momento o espaço da disputa não é o espaço acadêmico o mais importante, é o espaço político. Eu acho que, por exemplo, o embate que nós temos hoje em torno da questão do IBAMA mostra que tem uma dimensão política aí muito importante, que nós precisamos nos capacitar muito teoricamente pra fazer esse debate, mas que nós não podemos transformar isso primeiro em não sei quantos *papers*, avaliados por não sei quantos comitês científicos, pra daí isso se tornar uma questão importante. Eu acho que a gente tem uma urgência histórica que nos levaria a uma outra ação, que não dispensa a teoria, mas que trabalha com a teoria de outra forma. Então eu acho que no momento em que eu puder ter um pouco mais de liberdade pra transitar de uma coisa pra outra, eu vou me sentir mais feliz.

Quais seriam seus sonhos?

Eu sou uma pessoa que não tem sonhos. Eu tenho expectativas de mudanças e me empenho nessas mudanças. Eu não tenho sonhos assim “ah, coisas

grandiosas vão acontecer”. E eu acho que quem trabalha radicalmente a questão ambiental tem a mesma perspectiva que eu e um grupo de pessoas trabalhamos nas Ciências Ambientais, que, portanto, pensamos na materialidade da vida... acho que sonho fica uma coisa meio desfocada. Primeiro que se nós nos compreendemos como natureza, nós fazemos parte de uma natureza, de um planeta, de um universo, que tem uma temporalidade histórica tão gigantescamente maior que a nossa que, enfim, temos de nos contentar com a nossa insignificância. Eu brinco muito com meus alunos hoje que a gente tem colocado a questão ambiental de uma maneira muito equivocada: “Temos que salvar o planeta!” Não temos que salvar o planeta, porque o planeta não precisa ser salvo, ele já foi de várias formas e continuará existindo da mesma forma depois da nossa ilustre presença. Nós temos é que garantir a viabilidade da nossa sobrevivência no planeta. E isso interessa a nós, não ao planeta. Vamos colocar os termos nos seus devidos lugares! Mas por outro lado, eu acho que a história da humanidade, ela tende e ela se enfrenta com problemas (isso é próprio de cada momento histórico) onde existem lutas grandiosas, mesquinhas... existe de tudo! Eu acho que é importante que as pessoas se compreendam no momento em que vivem e lutem coletivamente pela melhoria dessa vida. Então, se isso a gente pode chamar de sonho, o meu sonho é que eu consiga, enquanto tiver condições, me engajar em lutas que me pareçam justas. Mas eu não tenho um sonho assim: que tal coisa vá se realizar. Eu acho que a vida e a história é um processo e depende de muitas coisas, inclusive da nossa ação. Acho que não adianta ficar muito sonhando, acho que a gente tem que ir se engajando nas coisas, não é de uma forma pragmática, mas colocando no horizonte lutas que são possíveis, que são necessárias e se engajando nesses trabalhos. Se eu quero melhorar algo não adianta sonhar com uma coisa. A gente tem que ver como é que eu faço historicamente, praticamente, como é que eu me engajo nisso, que papel eu desempenho nisso, quanto que eu consigo fazer, os limites disso também que estão postos dentro da educação, mas principalmente fora da educação.

Se você não fosse professora, você seria o que?

Olha, eu já pensei, não ao invés de ser professora. Pensei até ainda enquanto professora. Pensei em ter uma carreira política formal. Não apenas em me constituir enquanto um ser político que somos todos, queiramos ou não, mas eu

pensei até em uma carreira política. Um dia conversando sobre essas coisas aqui na minha casa com meu filho, ele foi me perguntando: mãe você já pensou que um vereador quando ele se elege vereador, ele tem que conhecer o município, ele tem que conhecer todas as leis, ele tem que... e aí ele foi me arrolando, ele era bem menino, foi arrolando tantas coisas que um vereador precisava saber, e disse: “você já imaginou que os recursos públicos, pagos pelo povo, pagam o salário desse vereador durante quatro anos e ele ainda vai ter que aprender tudo isso? Quanto dinheiro desperdiçado! Então, se você não está preparada, se você não tem todas essas condições, eu acho que não é justo você se candidatar!” Eu estava fazendo uma brincadeira, não era nem uma coisa séria, quer dizer, foi uma época que, isso já tem uns dez anos, que não sei, havia toda uma disputa aqui no Rio de Janeiro e a gente falando que os partidos estavam ruins, ninguém sabia em quem ia votar, não valia a pena votar, os vereadores eram uns ignorantes, faziam tudo errado... nem se falava da corrupção ainda violenta que temos hoje. Essa é uma preocupação que eu tenho até hoje, por exemplo, é uma coisa que se eu tivesse mais tempo eu gostaria de me dedicar, à formação política da classe política. Eu acho que um vereador no seu município, se ele não tiver uma compreensão do papel social que ele desempenha é um desserviço à população brasileira. Então, essa é uma questão que formalmente ou informalmente sempre me acompanha. Uma preocupação de como se dá o exercício político mesmo com todas as limitações de uma democracia que a gente sabe que é uma democracia meramente formal, que ela não garante os direitos de todos, que a história de que somos todos iguais perante a lei não é verdade, de que todos votamos e seremos representados pelos representantes do povo lá no Congresso, que eles não representam o povo coisa nenhuma, mas ainda assim eu acho que é o que nós temos e o que nós temos é da pior qualidade. Seria muito bom se nós pudéssemos fazer com que essa classe política fosse de melhor qualidade, que essas pessoas tivessem um espaço onde elas pudessem se formar mais e melhor que é uma tarefa que os partidos políticos não exercem, abriram mão, formar os seus quadros políticos. Os próprios partidos também estão nessa salada, nisso que ninguém sabe muito bem o que é. As pessoas trocam de partido de A pra B de B pra C sem nenhum sentimento de culpa, porque tanto faz como tanto fez.

Por fim, por que você é uma educadora ambiental?

Por que que eu sou uma educadora ambiental...? Porque eu penso que o Marx tem razão, que nós somos seres da natureza, que intercambiar com a natureza é um intercâmbio com nós mesmos, que o trabalho que faz essa mediação entre nós e a natureza, sobretudo na produção capitalista, levou essa relação a uma relação de espoliação tão gigantesca que nós perdemos a responsabilidade social com a vida, com a sobrevivência. Então, aquilo que Marx chamou da falha metabólica, essa separação do homem com a natureza, a compreensão que o homem tem e que levou a uma alienação progressiva do ser humano em relação aos impactos que ele exerce sobre si mesmo, se entendendo como natureza, que isso é de responsabilidade social muito importante, que enfim eu acho que alguém tem que se ocupar disso. Eu acho que todos têm que se ocupar, mas na medida em que todos não estão se ocupando disso e que há uma inviabilidade de se ocupar disso radicalmente, sobre o modo de produção capitalista, porque o capital não pode fazer essa reflexão, mais radical, porque senão ele se auto-inviabiliza, eu acho que, enfim, é meu papel, formada e preparada, e há longos anos discutindo o mundo do trabalho, eu acho que quem tem uma reflexão sobre o mundo do trabalho tem que necessariamente se ocupar da questão ambiental. Então não é propriamente da EA, é da questão ambiental. Como é que a questão ambiental hoje entra na universidade? Ela só está entrando via EA e a passos muito pequenos, de tartaruga, na produção do conhecimento. Eu acho que a Física tinha que estar preocupada com isso. A química, a biologia, a história. Todas elas estão construindo o seu conhecimento a partir de determinada concepção da relação sujeito-objeto que é uma concepção equivocada, é uma concepção que não leva essa dimensão em consideração. Então não é uma tarefa dos educadores. Acho que é uma tarefa dos produtores de conhecimento sistematizado.

Será que você poderia falar um pouco dos tipos de pensamento que te ocupam no cotidiano?

Eles variam, mas eles estão sempre presos ao mesmo espaço, que são as tarefas do dia a dia e do trabalho. Então, como organizar as tarefas de forma a me desempenhar delas e nelas corretamente e sem me descuidar principalmente daquelas que envolvem outras pessoas, meus alunos, colegas. Não descuidar dos compromissos com as pessoas.

Além do trabalho tem mais alguma coisa que seja comum pra você?

Além do trabalho nós temos o cotidiano do país, que interfere sempre nas nossas vidas, noticiários, eventos, acontecimentos que condicionam o tempo todo e facilitam ou impedem muitas vezes que você realize seus propósitos da maneira que você gostaria. Essa é uma preocupação recorrente, tanto as preocupações referentes à cidade, o fato de morar numa cidade grande tem muitos intervenientes que a todo momento você tem que se deparar com eles, quanto os eventos nacionais que vão interferindo nas políticas públicas, as perspectivas que você tem sempre de se enfrentar com mudanças não previstas e muitas vezes não desejáveis.

E em termos de motivação, quais são as coisas que te motivam pessoalmente?

Ih, as coisas que me motivam são as questões que dizem respeito às minhas relações na sociedade, tanto as relações de foro íntimo, familiares, de amizades, quanto as relações sociais e políticas, quer dizer, o meu enfrentamento diário, a minha situação de professora, de militante política, de mãe, de dona de casa, essas questões nos motivam permanentemente, eu acho.

Você chegou alguma vez a pensar quais são os critérios que te ajudam tomar decisões?

Eu acho que eu faço um esforço de hierarquizar as questões, sempre me colocar a pergunta: que questões são efetivamente prioritárias no sentido das conseqüências que elas têm, da responsabilidade que elas implicam. Porque às vezes questões que nos são muito próximas, muito imediatas, parecem ser grandes questões com as quais nós deveríamos nos preocupar muito, mas se você pára um pouco pra pensar, você se dá conta de que numa escala de valores, elas realmente não eram prioritárias, só parecem prioritárias. Eu tendo a não ficar sempre querendo apagar incêndio. Tomar um pouco de distância das coisas e verificar em que medida elas são prioritárias ou eu deva me empenhar tanto nelas. Em que medida elas fazem apenas parte de uma circunstância às vezes até emocional, tanto sua, como do grupo no qual você está envolvido e que então elas assumem proporções maiores do que elas efetivamente têm. Esse é um critério pra mim:

tomar um pouco de distância e ponderar as questões antes de enfrentá-las. Quer dizer, este é um critério, nem sempre a gente segue os critérios. Mas pelo menos eu acho que é um critério bom, que ajuda. Não é muito fácil, mas acho que a gente tem que fazer este exercício, acho que a gente evita muito aborrecimento e evita criar mal entendidos. Vou só te dar um exemplo. No uso da informática, da internet, eu me dou conta que as pessoas se comunicam de uma forma muito pouco pensada, muito pouco refletida. E dizem coisas das quais depois elas se arrependem. Porque ao comunicar... não é mais a forma tradicional de uma escrita manual, uma carta, um telegrama, um bilhete. Você por outro lado, também não está falando e ouvindo a voz do outro. Você não está interagindo diretamente. Portanto, você não tem o retorno do outro, seja através da voz, da entonação da voz você se apercebe do sentimento que você está causando no outro, que faz com que você então modere o que está dizendo ou pensando ou fazendo, ou o olhar do outro ou o gesto do outro. Então, acho que a internet dá uma pseudoliberalidade pras pessoas meio de fazerem e dizerem o que querem e isso é muito impulsivo e gera muitas vezes mal entendidos. Quando a gente lê as mensagens das redes, a gente vê quantas situações às vezes constrangedoras se criam a partir de um mal entendido porque a pessoa se precipitou em entrar na conversa, por assim dizer, respondendo imediatamente, sem parar pra pensar sobre aquilo, se aquela era efetivamente a sua posição. Este é um exemplo de uma situação que quando você não toma distância, não para pra refletir, não amadurece o mínimo sobre aquilo, você acaba fazendo uma coisa que você não quer. Aquilo que parece que está facilitando a sua vida, às vezes está complicando a sua vida. Evito muito isso.

Em termos de decisões, quais teriam sido as suas principais decisões ao longo da vida?

Acho que as decisões, da minha geração pelo menos, foram coisas muito marcantes. Tomar uma decisão de escolha profissional, pra minha geração, que viveu um mundo do trabalho bastante mais estável, em que as pessoas mudam menos de profissão e de postos de trabalho e de atividades dentro do próprio trabalho, decidir a profissão foi uma coisa importante, que teve consequência. Depois, certamente as minhas escolhas políticas também definiram muito o rumo da minha vida. Tive que arcar com as consequências dessas decisões. Acho que estamos sempre redefinindo, quando você escolhe enveredar por um campo de

pesquisa, isso termina também lhe propiciando encontros e desencontros, não apenas teóricos, mas também pessoais, profissionais. Eu acho que os educadores ambientais, por exemplo, nos seus locais de trabalho, eles têm uma especificidade, são vistos com uma certa singularidade, uma certa diferença, então também é uma escolha que faz uma diferença na vida das pessoas.

Você incluiria também nesse rol de decisões a viagem que vocês fizeram para fora do Brasil, esse tipo de coisa...?

Ah, sim, sem dúvida. Isso também foi um momento de decidir. Não sei se tivesse sido num outro momento a decisão fosse a mesma. Mas havia toda uma conjuntura política nacional que nos pressionava a tomar uma decisão daquele tipo, por um lado. Por outro lado também você aos 23 anos toma decisões que às vezes são um pouco intempestivas, você não tem muitos parâmetros de comparação com outras decisões, porque você ainda não tomou grandes decisões na vida. Então, certamente foi uma decisão que fez uma diferença radical na minha vida, da qual eu fui ter conseqüências para sempre. O fato de ter vivido dentro de uma outra cultura, de ter aprendido uma outra língua, de ter conhecido pessoas de muitas outras partes do mundo, de ter saído de perto da minha família e ficado sete anos longe e portanto, tido de me organizar e conviver em outras situações sem nenhum tipo de apoio familiar, ter vivenciado os meus primeiros anos do meu casamento destas influências familiares, que para o bem e para o mal ajudam e atrapalham. Enfim, em todos os âmbitos da minha vida, essa foi uma decisão que me impactou muito.

Você já se pegou alguma vez numa situação de omissão? Seja de omissão superavitária ou deficitária?

Eu muitas vezes tenho essa sensação de omissão, mas eu diria que não são coisas de grande relevância. Eu não tenho assim alguma coisa da qual eu me arrependa, radicalmente que eu digo. Aquilo eu devo a mim mesma e devo aos outros, ter me omitido diante daquela situação. Porque eu acho que eu não sou uma pessoa com esse perfil de me omitir ou de me acovardar diante das situações. Acho que eu faço o esforço de enfrentar. Uma coisa que leva muitas à omissão é quando a pessoa mede ou pesa o quanto ela poderá perder pelo fato de tomar aquela decisão, aquele partido, por exemplo. O quanto ela estará se expondo e o

que isso poderá implicar pra ela em termos de perdas pessoais, seja perda de reconhecimento social, de estima, de conceito, profissional etc. Como eu acho que as coisas que nós fazemos individualmente têm importância, mas elas têm uma importância que também é relativa porque elas têm que estar articuladas com o coletivo, acho que eu tenho menos essa preocupação, isso não tolhe as minhas ações. Eu já me expus em muitas situações bastante arriscadas que outras pessoas na minha posição, social, profissional, não tomariam e não tomaram. Por conta disso. Porque se viam quase como uma intimidade muito inseparável, portanto, aquilo pra elas poderia ter um significado negativo muito forte, então as pessoas preferiram se omitir em certas situações. Acho que eu não tenho assim, coisas que eu considere dívidas por omissão.

Às vezes nem são dívidas, às vezes é o melhor a se fazer mesmo, porque pode ser que a pessoa não esteja num momento bom pra ouvir ou...

Com certeza. Mas acho que aí também não é uma omissão. Talvez eu não tenha referido as coisas nesse sentido. Quando você age de uma forma mais ponderada e você não se impõe numa situação. Porque às vezes você quer impor ou a sua posição ou o seu ponto de vista ou... numa relação de poder que é muito comum nas relações de trabalho, você querer se fazer valer apenas porque você está disputando um poder. Nesse sentido você ponderar e recuar muitas vezes é o mais sábio, na mesma direção daquilo que eu falei da internet. Pra você tomar realmente uma certa distância das coisas e ver no que aquilo realmente está contribuindo, ou se aquilo é uma exposição meramente às vezes até quase que exibicionista, né? Na ânsia de se fazer presente. O que às vezes não leva a nada e às vezes leva a coisas muito ruins, como no exemplo que você deu, você pode magoar uma pessoa simplesmente porque você fez questão de manifestar sua opinião. Às vezes as pessoas dizem assim: ah, mas eu sou muito franca. Ah, sou franca, mas às vezes essa franqueza é agressiva, desmedida, inoportuna...

Pensando na sua vida inteira, de criança até hoje, teve alguma situação em que você se envergonhou de você mesma? Não precisa nem ser nada importante mas alguma situação que te trouxe essa sensação e que não foi por exposição.

Acho que da mesma forma que a omissão. Eu já passei muitos constrangimentos, fiquei encabulada até por uma situação, isso tem a ver com a história de vida, família e tudo mais, acho que por ser a primeira filha, pela forma de ser dos meus pais, eles sempre tiveram muita expectativa com relação a mim. Então isso sempre significava que se você não fazia o mais bem feito ou o melhor significava uma falha. Talvez não fosse nem que eles vivenciassem como falha, mas eu reconhecia dessa maneira. Então, eu sou uma pessoa que sempre me cobrei muito, procuro sempre as coisas da melhor forma, então, isso gera, é claro, muita insegurança. Muitas vezes eu tenho a sensação “será que vou dar conta desse treco? Será que isso não é algo maior do que eu posso, maior do que eu?” Essas são questões que geram pra você, quando você pensa que há uma expectativa em relação a você, um constrangimento.

E em termos de sentimentos, o que são as coisas mais comuns pra você no dia a dia?

Acho que sou uma pessoa excessivamente preocupada, com tudo e com todos. Talvez por alguma coisa que eu já falei pra você na outra vez, essa impressão de que ao ter compromisso com os outros você tem certas responsabilidades, o que causa uma preocupação de você não... de você se precaver pra evitar que aconteçam os problemas, que as coisas não ocorram como devem ocorrer, então isso gera uma preocupação permanente.... você nunca fica assim totalmente relaxada, “ah, se aconteceu, aconteceu, se eu me atrasei não tem problema, se não entreguei no prazo, não tem problema”. Essas coisas me deixam, sempre, por um lado preocupada, e por outro lado, é um tipo de tensão permanente, que acho que é uma coisa ruim, que não tem uma justificativa real. Ela é uma percepção, vem do subjetivo, muitas vezes não se confirma na realidade, mas só que você verifica isso só a posteriori. Você não fez aquilo no prazo e tá-tá-tá. Aí fica naquela tensão e ansiedade. Ansiedade é o outro lado dessa preocupação. Aí você se dá conta de que ninguém tinha feito, de que não tinha importância. Que o prazo foi mudado. Então eu nunca pressuponho que vai ser assim, eu sempre acho que o último dia é o último dia, que tal coisa só pode ser feita daquela maneira. Isso em faz ser uma pessoa preocupada e ansiosa.

E em termos de uso do dinheiro, como é o seu perfil de gastos, como são direcionados os seus recursos?

Bem, aí tem um componente familiar cultural. As pessoas, porque eu vim do sul do Brasil, que são fundamentalmente netos de imigrantes, são pessoas que aprenderam... que viveram primeiro a cultura do trabalho, o trabalho é um valor positivo na vida, não é um valor negativo, e aí não há uma separação, uma hierarquização entre o trabalho manual e o trabalho intelectual, tal como a cultura dominante no Brasil coloca. A marca da escravidão no Brasil foi muito forte e fez com que o trabalho manual fosse muito desqualificado. Tanto que pros europeus não há essa mesma perspectiva. Então, primeiro a cultura do trabalho, que é um valor e que agrega valor pra pessoa, o ser humano que trabalha já tem um valor nele mesmo, ele não depende tanto dos bens que ele tem pra se valorizar. Por outro lado, a experiência de vida dos imigrantes foi de pessoas que perderam tudo e quando vieram pro Brasil lutaram com muitas dificuldades, tiveram que começar do nada, vamos assim dizer. Então, sempre nós vivemos numa cultura da economia, da poupança. Eu desde criança aprendi que a gente não faz gastos supérfluos, que a gente tem que viver com o que é possível, que a gente tem que aprender a viver com menos do que é possível, pra que sobre alguma coisa pros momentos em que não se tem. Então, isso vem dessa origem, dessas levas de milhares de pessoas que saíram da Europa porque ficaram na miséria, porque eram camponeses, basicamente, os que vieram pro Brasil eram lavradores e que saíram de lá porque não tinham mais onde trabalhar, não tinham mais terra, não tinham como sustentar suas famílias, lutaram com muita dificuldade quando aqui chegaram. Então, venho de família que aprendeu a poupar e aprendeu a dar valor ao dinheiro como fruto do trabalho. Portanto, a não se envolver e não ter necessidade de coisas supérfluas. Claro que o supérfluo é uma coisa muito subjetiva e muito marcada pela classe social. Certamente que pra classe trabalhadora brasileira que vive com dois dólares por dia, tudo que eu tenho ou quase tudo que eu tenho seria considerado pra eles supérfluo, uma casa com três mil livros certamente é uma coisa absolutamente supérflua num país semi-analfabeto. Então, perfil de gastos, afora os gastos básicos da sobrevivência, nós, por um perfil profissional, consumimos muito dos nossos recursos em livros e consumos culturais, que são os livros, jornais, as revistas, o cinema, algumas viagens, que tem sempre essa dimensão de você se aprimorar, se aperfeiçoar

naquilo que é fundamental pro seu trabalho. Um professor que tem uma cultura mais ampla, em várias áreas do conhecimento, sempre estará mais preparado para o seu trabalho. Então, é fundamentalmente isso. Nós somos uma família muito regrada. Mesmo os meus filhos que já nasceram numa condição muito melhor do que a minha e a do meu marido quando éramos crianças, já encontraram uma situação muitíssimo melhor, mesmo eles têm uma vida extremamente espartana, eu diria, em termos de consumo. Gastos muito moderados, uma vida muito simples, sem exigências, sem nenhum fascínio pelas marcas e símbolos de status.

As suas prioridades, se você fosse fazer uma escala com as prioridades de fato, não aquelas que a gente idealiza, quais seriam?

Bem, acho que tenho uma prioridade que tem duas faces. Eu diria, assim, que esta é a prioridade que orienta minha vida. Que é uma prioridade de compromisso com os outros. Então ela tem uma face privada, que é o meu compromisso com a minha família e a minha face social, que é o meu compromisso com a sociedade na qual eu vivo. Acho que compromisso é uma prioridade número um. Ninguém tem o direito de ser descompromissado, de se desfazer da sua parcela de responsabilidade em qualquer situação. Nós não estamos soltos no mundo. O Sartre diria “nós estamos condenados a ser livres”. E, portanto, nós devemos exercer nossa liberdade com responsabilidade, que implica sempre numa relação com outras pessoas. Acho que esse é um valor importante. E acho que os valores da justiça, procurar ser justo consigo mesmo e com os outros. E isso não é você que tem esse critério da justiça, esse critério vai se construindo nas suas relações sociais. A sociedade vai meio que delineando esse ideal de justiça, não é uma coisa que sai do nada, ele sai das suas relações social e de certos balizamentos de convívio. Dentro desses balizamentos, as pessoas têm que... pra mim esse é um valor, o valor da justiça. De que as coisas ocorram de uma forma correta e justa. Isso exige que você exerça sempre esse critério do recuo pra olhar as situações e pesar. A justiça tem a ver com isso. É por isso que eu peso as situações. Quando pesamos as situações é bem a balança da justiça. Se você não pesa as situações, não tenta olhar o outro lado, e o que o outro pode estar pensando, ou fazendo, ou dizendo ou tendo a intenção, você pode cometer injustiças. Bom, e depois acho que os valores da solidariedade, da amizade, são coisas que fazem a vida valer a pena, senão também as relações sociais se tornam

muito duras, ainda mais numa sociedade como a nossa, que já não é muito pautada por esses princípios.

Falando das prioridades você já identificou os valores... estava pensando aqui... como esses valores te ajudam na sua prática de educadora?

Acho que o compromisso, por exemplo, me ajuda. Não posso delegar a ninguém a responsabilidade de ser uma professora competente. Acho que houve um momento em que foi retirada até dos professores esta responsabilidade, com a criação dos especialistas dentro da escola, do orientador, do supervisor, das tarefas técnicas, né?, do livro didático. Um pouco foi como se o professor... tivesse se diluído a responsabilidade dele enquanto educador. Acho que faz parte do compromisso do educador ele ser competente e exercer dignamente a sua tarefa. Acho que essa é uma questão importante, que interfere diretamente na minha forma de me comportar. Compromisso de me preparar para as aulas, levar a sério o trabalho que eu faço, levar a sério o que os alunos fazem. Por outro lado, essa preocupação com ser justo, interfere muito na minha forma de avaliar, acho que esse é um nó do exercício profissional do magistério, o processo de avaliação. Porque nós falamos assim, um médico pode matar o paciente. Mais recentemente nós falamos: os economistas podem matar as pessoas com as suas políticas econômicas. Eu acho que os professores podem matar os alunos na sua criatividade, na sua disponibilidade pra aprender, de se relacionar com coisas novas, pra buscar dentro de si capacidades. Então, acho que se nós não formos bastante cautelosos na avaliação, o que não significa ser frouxo, nem pouco exigente. Eu ontem participei de uma banca de uma professora que já está há 34 anos no magistério, terminando uma dissertação de mestrado que eu até avaliei como uma das poucas que eu diria *essa é uma tese de doutorado*, de tão boa que ela está. E ela num momento disse assim: não, eu já vou explicar isso aqui, antes que a professora VEGA me puxe as orelhas (risos). Eu tive até que rir, porque os alunos até acham que eu sou uma pessoa muito suave, *mas muito rigorosa*. Então, me chamou a atenção essa brincadeira dela. Então a questão da justiça, esse valor interfere na forma como avalio e me relaciono com meus alunos. Como é que eles percebem a aprendizagem deles, por que eles se dedicam a certas coisas e não a outras, em que medida eu sou co-responsável pelo que eles aprendem e também

pelo que eles não aprendem? Então, acho que essas coisas são exemplos de como esses valores interferem no dia a dia.

Se você fosse fazer uma hierarquia dos seus valores, como seria?

É tão difícil, eu acho, hierarquizar, porque eu falei dois ou três valores só e são tão grandes. Por exemplo, o valor da responsabilidade, o valor da justiça, o valor do respeito, da solidariedade... são valores que pra mim é difícil separá-los. Pra você poder hierarquizar é supor que você pode exercer um sem o outro. Acho que eles são meio indissociáveis. Como você pode ser solidário com o outro se você não tem o critério de compromisso com o outro? São formas diferentes da mesma coisa. E como você exerce isso se você não procura ser justo? Acho que compromisso e solidariedade podem ser coisas muito piegas se você não tem um critério de também avaliar dentro da sociedade o que é mais justo. Então, não sei. Não saberia hierarquizar esses três valores. É claro que a gente também tem muitos outros valores, mas, enfim... os valores da harmonia, da estética, do acolhimento. São valores, por exemplo, que estão na minha esfera privada... claro que se manifestam também na minha esfera mais pública, mas aí se manifestam de formas diferentes.

VEGA, obrigada.

Nada. Que você tenha muita sorte no seu trabalho.

Entrevistado: POLUX, 08 de maio de 2007, terça-feira. **Período:** tarde.

Local: pátio do prédio onde reside, RJ.

Você poderia se apresentar...

Bom, sou POLUX, hoje sou professor da universidade XXX, trabalho com EA há muitos anos, minha formação de graduação é a geografia, depois as formações complementares foram todas na área de EA. Na verdade, não na área porque não tinha, mas meus trabalhos foram direcionados para isso desde que saí da universidade na década de 80 e trabalho com EA desde essa época. No início em paralelo com minha profissão que era professor de geografia, mas hoje quase que exclusivamente trabalho com EA ou coisas correlatas com a EA, gestão ambiental...

Como você considera que se tornou um educador ambiental?

Isso é interessante, já me perguntaram outras vezes. Minha primeira grande influência para me tornar um educador ambiental foi minha avó. Ela tinha um sítio em Nova Friburgo, em Muri, que era um lugar paradisíaco e era paradisíaco por conta dela, por ela ser uma pessoa voltada para a natureza, ter mil caprichos, era tudo lindo, impecável, o jardim maravilhoso e era por conta do zelo dela, da paixão dela pela natureza. Eu vivenciei muito essa paixão dela e obviamente isso me influenciou muito. Certamente isso teve uma importância bastante grande, não pela EA, mas por essa paixão por tudo que esteja relacionado à questão da natureza. Depois disso, quando entrei na universidade, já motivado por essa questão, eu tive um momento em que deu clique com essa coisa, numa Semana do Meio Ambiente, acho que a primeira do curso da UFRJ, em 84. E na preparação da Semana, comecei a me envolver como aluno, tinha na época como professor, o Carlos Minc que hoje é secretário de Estado, naquela época ele estava vindo da Europa, tinha sido exilado, junto com outros tantos e naquele momento estava se constituindo o Partido Verde aqui no Brasil e particularmente no Rio, tinha o Gabeira, o Minc, o Sirkis e na universidade ficou meio um núcleo dessa coisa e eu já me encantando por essa história, acho que ali foi o momento mesmo de decidir que realmente queria profissionalmente ingressar na EA. A partir dali realmente comecei a procurar alguma coisa ligada à EA e já foi alguma coisa pensando em EA porque eu estava na faculdade de geografia e eu queria ser

professor, muitos colegas fizeram bacharelado, eu nem fiz, já queria ser realmente professor e nesse momento já pensei em conciliar a geografia com a EA e já comecei a procurar. Durante a faculdade teve também o primeiro encontro em nível nacional que discutiu educação e meio ambiente, que foi promovido pela FBCN, que foi em 85. Nesse encontro várias pessoas que estão hoje atuando estiveram presentes, porque foi legal, teve muita gente bacana que veio, palestrantes, foi um reforço bom. Aí quando saí da faculdade saí com esse objetivo mesmo de trabalhar com as duas coisas. Mas já tinha um projeto de sair do Rio, uma coisa meio bicho-grilo, lá da época, de ir pra uma cidade do interior. Eu tinha me colocado como opção buscar essa coisa, então o primeiro ano depois que me formei eu fiquei aqui no Rio trabalhando em escolas particulares, esperando que tivesse concurso público no estado, queria ser professor do estado, e foi então no ano seguinte ao que me formei. Aí já tinha me casado, me casei com uma professora também, colega de faculdade e aí, então, a gente tinha feito essa opção de sair do Rio. Aí nós dois fizemos concurso, passamos, fomos pra Friburgo e morei em Friburgo e trabalhei numa escola em Friburgo. Quando fiz a opção da escola, escolhi a escola que ninguém queria, eu tinha tirado primeiro lugar, então eu podia escolher a melhor escola, mas escolhi a de Lumiar, que pra todo mundo era a pior porque era a mais longe, mais afastada. Mas eu já tinha ido com essa opção, né? De trabalhar em escolas mais afastadas, alternativas, um pouco rural. Eu fiquei 5 anos nessa escola, foi uma experiência ótima, superimportante porque lá eu tive liberdade de trabalhar nessa perspectiva de professor de geografia que trabalha com EA, eu cheguei a implementar projetos de EA nessa escola, tinha apoio da comunidade, as pessoas me incentivavam bastante nisso, a direção da escola... e fiquei 5 anos nessa escola até que ao longo da experiência nessa escola eu fiz uma especialização em Ciências Ambientais e fiz minha monografia em EA. Durante essa escola, por conta dessa coisa que querer fazer EA eu fui preparando materiais de trabalho e aí disso acabei juntando esse material e publicando dois livros, um de histórias infantis e outro meio paradidático, com propostas de atividades pra trabalhar em escola, fruto dessa experiência lá. A monografia transformei depois num livro, meu primeiro livro pra público universitário, educadores ambientais. Foi A Dimensão Ambiental na Educação. Acabou sendo um livro que teve muita saída. E aí em 92, eu saí dessa escola, por conta de... primeiro porque minha mulher estava querendo voltar pro

Rio e ao mesmo tempo eu também comecei a me interessar em fazer mestrado. Entrei no mestrado em Educação na UFF, em 93, em Educação, aí comecei a trabalhar com ensino superior, a princípio particular, aí fiz doutorado, em ciências sociais, mas sempre voltado para EA e aí hoje estou há menos de um ano fiz o concurso pra Federal e estou lá trabalhando nessa área.

Uma trajetória já desde o início marcada...

Já, desde o início. O Pedrini, com seus alunos, que quando me apresenta fala que tenho uma formação de doido, geografia, ciências ambientais, ciências sociais e educação, mas na verdade ela tem um norte que é a EA, todos os meus trabalhos foram orientados para isso e na verdade para a EA essa abordagem é interessante porque me deu uma visão de diferentes campos do conhecimento e isso agrega para essa visão mais ampla da EA.

Então você já se reconhecia como educador ambiental desde essa época da graduação...

Eu já me reconhecia como educador ambiental, desde que comecei a trabalhar, quando saí da faculdade como professor, já me reconhecia como educador ambiental, em 87. Mal se falava de EA nessa época, por isso hoje me chamam de dinossauro... não é à toa...

Enquanto você percorreu essa trajetória toda, teve alguma coisa que você identifica que foi mais marcante na construção do seu jeito de trabalhar com EA?

Olha, tem sim. Ao longo desse processo eu comecei a trabalhar numa empresa de consultoria, que eu trabalho até hoje, e foi um trabalho importante porque foi quando eu comecei a trabalhar em equipe pra EA. Essa consultoria em particular é uma consultoria pra empresas, são projetos de empresas de EA, normalmente projetos da empresa para a comunidade, trabalhando com a comunidade, com a escola. Quer dizer, apesar de ser empresa, o público que a gente trabalhava era professor e escola. E foi nessa experiência que eu comecei a trabalhar em equipe. Trabalhava com outros colegas ao mesmo tempo, dávamos cursos juntos, isso foi bastante rico porque pude vivenciar outras formas de trabalhar, de outros colegas e trabalhar junto também. Uma experiência bastante

interessante que me influenciou muito o que eu faço hoje. Por essas duas perspectivas: por ter vivenciado outras formas de trabalho a partir da inserção desses outros colegas e por ter essa perspectiva de estar trabalhando junto. E mais, poder ver essas outras formas de trabalhar que outros colegas têm, porque como era uma equipe multidisciplinar. Por exemplo, tinha um professor que era da área de sociologia, mas tinha toda uma formação em teatro, então ele tinha uma coisa muito de dinâmica. Tinha outros professores da área de história que tinha um olhar diferenciado. Então acho que essa diversidade foi legal, me enriqueceu no jeito que eu trabalho. Mesmo quando eu estou trabalhando sozinho. Eu gosto de trabalhar em equipe, de dividir o espaço da sala de aula, da formação, com outras pessoas, me sinto muito à vontade.

Além de momentos de renovação profissional, teve alguma época em que você se sentiu desanimado?

Não, eu tenho uma motivação grande pra EA. Às vezes até vejo alguns colegas desanimarem um pouco, mas não tenho isso muito, não, sabe? Eu vejo as dificuldades como fazendo parte do processo, então isso não chega a me causar desmotivação. Às vezes você está muito atribulado com muito trabalho você fica é meio emperrado mesmo. Mas não desmotivado, às vezes você tem dificuldade de resolver algumas coisas, mas desmotivação realmente não senti, não. Até porque eu acho que sempre fui muito feliz, a vida sempre me deu muita oportunidade com essa coisa da EA, talvez até por eu ter começado tão cedo, eu sempre tive muitas oportunidades boas de trabalho com EA, então não posso reclamar disso mesmo não... boas possibilidades, trabalhos motivantes.

E dentro desse trabalho teve algum momento em que você sentiu que estava fazendo um investimento maior?

Eu na verdade, me considero muito mais... pensando na formação de pós-graduação, mestrado, doutorado, normalmente as pessoas normalmente fazem mestrado e doutorado pensando como pesquisador, eu fiz me pensando muito mais como educador. Eu agora como professor universitário tenho que desenvolver pesquisa, mas por identidade dou educador. O que gosto mesmo é estar em sala de aula, fazendo estas intervenções. O que procuro hoje é aliar a pesquisa com minha prática, o que procuro fazer hoje é pesquisar esta minha

prática, podendo fazer servir isso como objeto de estudo, o que me leva a ter de estar fazendo isso também. Então este processo de formação foi com este princípio também, de me capacitar mais pra me tornar um educador melhor.

Como era sua época de criança, com que você estava preocupado, como era sua relação com sua família?

A relação com minha avó é uma relação muito forte na minha vida. Na verdade, em família a gente percebe como a minha avó foi importante pra todos nós, netos dela, aliás, somos A forma como ela lidava, particularmente com este sítio, este sítio é uma referência muito grande, porque o nosso contato com ela, o principal era lá, de férias, fim de semana... e ela tinha toda essa preocupação de fazer com que aquela coisa fosse super harmoniosa, a gente vivenciou muita harmonia nesse lugar, era uma coisa que sempre trouxe muita satisfação. Então não era motivo de preocupação, muito pelo contrário, conviver com ela, viver naquele lugar, era sempre motivo de **muita** satisfação, pude experimentar muita harmonia. Então isso foi uma coisa importante mesmo nessa fase e que gerava inclusive nessa coisa familiar uma coisa legal, da família, pelo menos naqueles momentos, viver de uma forma bastante harmoniosa. Esses laços perduram. Esses primos, apesar de cada um estar num canto, a gente tem laços bastante sólidos. São pessoas que eu continuo em contato apesar de tantos anos e de cada um ter tomado um rumo. São laços fortes que ficaram consolidados desta época.

Sua vó morava no Rio mesmo...

Ela morava no Rio, mas grande parte da vida dela ela praticamente morava lá no sítio. Chegou uma época em que ela não tinha nem mais apartamento aqui. Quando ela vinha pro Rio ela ficava no apartamento da minha tia. Ela vivia grande parte da vida dela no sítio.

E o sítio era...?

Em Friburgo, Muri. Por isso que eu escolhi Friburgo também. Em Muri que é meio de caminho para Lumiar. Lumiar já era uma referência por conta dessa minha vivência lá.

Foi um resgate...

É... quer dizer, não foi nem um resgate, porque eu nunca me afastei. Até na época de faculdade eu tinha todo esse convívio, sempre que podia eu estava no sítio junto com minha avó. E depois, quando me casei, a princípio a gente foi morar lá enquanto não arrumava lugar pra morar. Então morei uns meses no sítio com ela, depois que a gente arrumou um apartamento pra morar. Na minha vivência lá em Friburgo também ela estava muito presente, quer dizer, ela ainda era viva nessa época. Então eu morava lá, mas tinha o sítio como referência e o sítio continuou ainda até depois enquanto ela estava viva ainda, quer dizer, depois de eu voltar para o Rio ela ainda estava lá no sítio. Essa referência foi minha vida toda praticamente.

E aqui no Rio, você morava aonde?

Ih, agora... em um monte de lugar... resumindo, morei uma época em Botafogo, quando voltei de Friburgo; depois fui morar em Niterói, na época do mestrado; depois voltei de novo pra Botafogo; depois voltei pra Niterói, construí uma casa lá em Niterói, fui morar lá com minha mulher e meus filhos; me separei, continuei morando em Niterói; me casei de novo, me separei de novo e agora estou morando aqui... Já morei no Rio em vários lugares, mas sempre assim, Rio - Niterói, e essa passagem de 5 anos em Friburgo. E quando criança, (nasci em Niterói, mas) fui criado no Rio, na Tijuca. Até casar morava na Tijuca.

E vocês eram em quantos irmãos?

Eu e minha irmã só.

Da sua família, seu pai, sua mãe, o pessoal com quem você morava, o que era importante pra você quando era criança nessa relação?

Tive uma família muito normalzinha, sabe? Às vezes acho isso ruim, às vezes acho bom. A gente vê famílias que dão cada pepino, né? A minha família sempre foi muito normalzinha, aquele tipinho padrão assim, classe média, com aqueles valores de classe média, sem muitas discrepâncias... o que não quer dizer que tenha sido perfeita, porque meus pais depois se separaram quando eu já era adulto. Mas durante minha infância e adolescência minha família sempre foi muito normal, sem grandes conflitos ou problemas. Não tem nada muito marcante da vida familiar. Por outro lado é bom, porque também não tem nada marcante de

ruim, que muitas famílias têm. De família o que é marcante é minha avó. Pra todos nós.

E ainda nesse período de criança, a vida escolar teve alguma coisa marcante?

Também não, eu sempre fui um aluno mediano, nunca fui um aluno brilhante. Principalmente no início. No segundo grau comecei a me destacar um pouco mais. Mas nunca fui também um grande aluno. Não tem nada de mais.

Você falou sobre o evento, dos projetos que vocês fizeram... o que a universidade contribuiu pra você enquanto ser humano?

Eu me formei na UFRJ, mas na verdade tive uma passagem que foi importante, marcante na Rural, comecei minha vida universitária na Rural, onde hoje sou professor. Fiz um ano e meio de Geologia na Rural. E o que foi marcante pra mim não foi o curso, pelo contrário, o curso até nem gostei muito, tanto que depois mudei pra Geografia, já na UFRJ. Mas assim, a vida universitária, foi uma experiência de vida importante essa ida pra Rural. Porque eu fui novo, com 17 anos, fui morar em república, então a saída da família, foi uma coisa importante na minha vida. E a Rural tem uma aura muito legal ligada a essa coisa do natural, da natureza, que foi marcante também, quer dizer, acho que reforçou também essa coisa que já vinha da minha avó... eu comecei essa vida universitária nesse ambiente da Rural, experimentando uma coisa nova, uma vivência nova, de viver mias sozinho, mais responsável por mim, morando em república que foi uma experiência interessante, que era uma coisa de coletivo... foi uma experiência bacana. Quando fui pra UFRJ aí já fui com uma perspectiva meio de me formar, mais focado nessa coisa do trabalho, já tinha essa preocupação de ter uma formação pra uma atuação mais profissional. A UFRJ como experiência de vida não foi tão rica como a Rural, mas ela me propiciou esta formação, este encontro mais específico com a EA. O curso de Geografia é um curso que eu acho muito interessante pra esta perspectiva da questão ambiental, não só da EA, mas pra questão ambiental como um todo. É um curso que dá uma visão também ampla. A geografia não é focada, ela tem até essa coisa da geografia física e humana, que por um lado pra Geografia sempre foi complicado, mas pra questão ambiental é

uma coisa que enriquece o olhar do geógrafo. Então, essa formação achei bacana, como formação profissional achei boa.

Aí depois, já no mestrado e doutorado, essa convivência não era mais tão importante...?

É. Não, no mestrado e doutorado a gente já está muito sozinho mesmo, a gente faz aquelas disciplinas... já está muito focado. Acho que a experiência universitária é mesmo na graduação.

E a pesquisa em si, a convivência com outros pesquisadores, teve algum impacto ou não?

A própria pesquisa, como comecei cedo, quando entrei na especialização, mas principalmente no mestrado e no doutorado, tive que fazer muita coisa sozinho, porque você não tinha orientação específica de EA. Os primeiros doutores em EA estão chegando agora na universidade. Então eu sempre tive orientadores em outras áreas que se sensibilizavam pela minha proposta e me pegavam como orientado. Então, a minha pesquisa sempre foi muito solitária. Até o próprio orientador não era muito parceiro por não ser da área, tinha dificuldades também. Minha orientadora de mestrado foi superbacana, obviamente me deu apoio, algumas orientações importantes, mas a discussão dela não era essa área. Da mesma forma o doutorado. Acho até engraçado que eu me formei como educador nessa coisa do coletivo e na pesquisa como uma coisa solitária. Talvez até isso me leve a não ter uma visão que me encante tanto na pesquisa quanto me encanta como educador. Talvez por conta dessa coisa solitária que eu não gosto muito. Mas eu me formei dessa forma, então hoje tenho até uma certa dificuldade, procuro até participar de grupos de pesquisa, mas é uma coisa de me forçar, porque a minha prática de pesquisador é uma prática muito solitária...

E você pensando em você como educador; você já constatou que é exemplo de quê?

A gente vai chegando numa idade que a gente começa a perceber que... é até engraçado, quando a gente está na graduação, a gente está ali começando, então a gente até tem uns referenciais, uns ícones, né? Professores, professores sempre são referências. E hoje começo a me perceber como referência pra quem está

começando, isso é uma coisa interessante. Às vezes até me surpreende um pouco isso, porque você tem de deixar de ter aquela percepção (que era a que você tinha quando estava começando) pra você ter outra percepção. Então você tem de abandonar aquela percepção anterior, porque às vezes até te surpreende por que você se vê ainda pensando daquela forma. Então, às vezes percebo que tem muita gente nova, tá começando, e como eu tenho livros publicados as pessoas me vêm como referência, e chegam a mim com essa postura. Mas pra mim sempre foi muito importante a relação com o aluno. O momento de sala de aula, o momento de trabalho como educador sempre foi uma coisa muito motivante pra mim mesmo. E muito por conta dessa relação com o aluno. Isso eu acho que é uma coisa meio de vocação. Sempre tive facilidade, apesar de ser muito tímido desde o início, sou ainda, lógico, hoje muita coisa superada, mas no início eu era muito tímido, mas eu entrava em sala de aula e essa coisa não era um empecilho, porque tinha uma coisa de vocação nessa relação professor aluno, sempre foi muito boa minha relação com os alunos. E isso é uma coisa que me satisfaz, é uma coisa que eu procuro manter, fazer com que essa coisa não se perca. Então, se eu tenho um grau, um modelo a estabelecer por mim mesmo, é um pouco isso, essa boa relação com meus alunos, de respeito, de humildade, frente a eles, de aproximação, porque eles têm muita aproximação comigo. Até hoje, por exemplo, ao me perceber algo assim como uma referência, é uma coisa que pra mim tem de ser até mais intencional porque essa coisa cria um certo afastamento, de ícone, de ídolo e acaba gerando essa coisa que eu falei. Mas eu consigo quebrar isso com muita facilidade num ambiente de aula, então isso é uma coisa que pra mim é importante, ter isso, viver dessa forma.

E depois que você faz seu trabalho com os alunos o que você espera que mude?

Basicamente, como todo educador ambiental, a princípio a gente espera que eles se sensibilizem pela questão ambiental, para que eles percebam isso como algo fundamental pra vida deles e pra vida como um todo, perceber não só no sentido de entender, mas de sentir sensível a isso. E assim, essa é uma primeira expectativa nesse sentido, mas a expectativa maior é que essa sensibilidade reverta que eles se tornem militantes também dessa mesma causa, porque é algo

que precisa ser militado, as pessoas precisam estar num processo de exercício, de cidadania, com essa perspectiva.

Como você gostaria de ser lembrado?

Ixi...! (risos) Aqui jaz... (risos) Gostaria de ser lembrado como uma pessoa boa. Mais que isso já é muito, né? Uma pessoa que tentou fazer o melhor, tanto pessoalmente como profissionalmente e que isso possa até servir de alguma forma pra contribuir de algum jeito para o mundo ter se tornado um pouquinho melhor. Acho que é essa minha razão.

Quais os valores que você acha que a sociedade manifesta hoje?

Isso é nítido, a nossa sociedade é muito individualista, as pessoas são muito focadas em si, a perspectiva do coletivo é muito secundarizada, as pessoas têm isso como não prioritário, a prioridade são os interesses individuais, particulares... a coisa da competição, que está atrelada, né? Porque as pessoas são individualistas, estão interessadas em si, então elas entram em competição pra se apropriar daquilo que interessa a elas, menosprezando a coisa mais coletiva. Então, isso ainda é muito forte na sociedade, faz parte da própria racionalidade da sociedade, estar focada no indivíduo e este indivíduo não se percebendo pertencente a esse coletivo, isso faz parte desta racionalidade e isso é muito arraigado e incentivado e tem ficado cada vez mais evidenciada essa postura, esse valor. Ao ponto que a gente tem hoje uma crise socioambiental que em muito é fruto disso. A sociedade realmente está se dissolvendo na perspectiva individual. A sociedade é um coletivo, mas se a gente está tão focado no indivíduo que a sociedade está enfraquecendo, perdendo seus laços e eu acho que o fortalecimento destes laços sociais deve ser uma perspectiva mais solidária, a solidariedade é que reforça esses laços e a gente não tem essa perspectiva. Tem a perspectiva da competição que faz com que a solidariedade seja sempre uma coisa secundária. Então, acho que esses valores levam a sociedade a ser o que ela é hoje, aí vem atrelado a isso a idéia de consumo, voltado pra atender esses interesses que são criados por essa sociedade com interesses individuais, em que as pessoas vivem pra buscar esses valores e esses interesses. Então tudo isso reforça uma sociedade que é muito, muito individualista e aí tem uma série de mazelas por conta disso, sociais, ambientais, de saúde pública, as pessoas enlouquecendo, se sentindo

psicologicamente fragilizadas, síndrome do pânico, as pessoas no meio da multidão se sentem solitárias, depressão... são mazelas desse próprio modelo de sociedade, que está levando a isso tudo.

Dentro disso, qual sua perspectiva de EA?

Acho que é a denúncia dessa realidade, desses referenciais, eu trabalho com a idéia de paradigmas, e esses paradigmas dessa sociedade precisam ser desvelados pra se tornarem conscientes, porque hoje eles estão inconscientes, influenciam nossa vida, nosso jeito de ser de forma inconsciente, então tornar isso consciente é papel da educação, fazer com que as pessoas percebam essa realidade, como está se estruturando e a influência que isso tem na sua própria vida e na sua prática, não só individual, mas na prática social, fazendo com que a gente acabe reproduzindo na nossa vida esses referenciais sem perceber. Porque está tão introjetado, referenciado em nossa visão de mundo que a gente olha pro mundo dessa forma, compreende dessa forma e age dessa forma, por estar inconsciente. Então acho que primeiro o papel da educação é desvelar isso, para que se torne consciente e seja possível buscar fazer alguma coisa diferente, poder fazer alguma coisa diferente. Agora o que acho que faz parte desse processo educativo é demonstrar pras pessoas também, fazer com que elas percebam, que não basta apenas elas também estarem conscientes dessa realidade, que pra essa realidade se transformar e para que ela própria possa se transformar também, esse processo de transformação se dá numa perspectiva de atuação política, que é coletiva. Então, faz parte do processo educativo, desvelar, tornar isso consciente, nesse processo de conscientização fazer com que as pessoas... permitam a elas irem pra uma prática diferenciada disso que está aí como normal. Mas pra que elas possam ter essa prática diferenciada, elas também tem que se perceber como sendo pertencentes a um coletivo que quer essa diferença. Com essa ação coletiva, política, é que a gente tem condições de começar a transformar a sociedade e nos transformarmos ao mesmo tempo. Conforme a gente está participando disso a gente tem condições de abrir outras opções, outros leques, outras formas de ver, de entender, é aquela coisa que a gente fala: você estar se transformando no próprio mundo, você interage com o mundo pra poder se transformar individualmente. Interagir com o mundo é interagir com os outros. Acho que nesse processo coletivo você tem chance de se transformar e de causar uma força

suficiente nessas relações sociais pra que você gere uma visão contra-hegemônica, diferente da que predomina, da que é dominante, pra então você poder nessa contraposição, nesta posição que não é a dominante, gerar pressão pra que alguma coisa mude. Acho que é assim que as coisas mudem. O que eu vejo da EA é isso, desvelar e ao mesmo tempo instrumentalizar o educando pra que ele se torne esse sujeito coletivo, agente de transformação da realidade, em prol de um ideal que a gente está construindo em cima da idéia de sustentabilidade, que ainda é uma perspectiva ideal, mas que é a perspectiva ideal que a gente está arrumando, nossa referência de rumo e é no dia a dia, nesse cotidiano, nesse fazer diferenciado que a gente vai construindo também essa sustentabilidade, nessa contraposição contra o que está aí. A sustentabilidade, a meu ver, é a perspectiva ideal. A perspectiva real é justamente essa contraposição que faz com que as coisas se transformem em direção a essa sustentabilidade ideal. E a gente vai tendo as transformações. As conquistas e às vezes retrocessos. Mas é sempre nessa disputa, nesse embate que se coloca entre forças hegemônicas e contra-hegemônicas. É a forma como enxergo a constituição da realidade.

Você poderia dar um exemplo de como é um trabalho seu nessa perspectiva?

Por exemplo... a gente hoje... eu, como indivíduo, cidadão, professor... poderia estar trabalhando nas minhas aulas, com meus alunos, exercendo essa perspectiva nesse meu lado profissional de professor na relação com meus alunos. Sei lá, acho que é importante, eu procuro fazer isso na minha relação com meus alunos. Mas, além disso, eu acho que é fundamental criar uma perspectiva de militância de estar me constituindo com o coletivo. Então, eu procuro estar me inserindo em coletivos que estejam se organizando com essa perspectiva. De certa forma, em uns momentos mais, em outros menos, eu estou, estou envolvido com a formação de redes de educadores ambientais. Hoje, mais particularmente, eu estou bastante envolvido com a formação de um grupo acadêmico, que envolve várias instituições, como a UFF, a Rural, a FIOCRUZ, o Pedro II e vários alunos de Pós-Graduação. O grupo, LIEAS, está sediado na UFRJ e é interinstitucional, e tem como objetivo formar um coletivo que defende, que tem uma identidade de pensamento, teórica, e que procura se constituir como um grupo para fortalecer essa identidade e fazer com que essa identidade se reflita na constituição dessa

realidade socioambiental que a gente está vivendo. Acho que isso é um exemplo de militância nessa perspectiva de um sujeito coletivo. E é uma coisa que eu busco fazer, embora ache difícil uma atuação da escola pública, a gente sempre tem a esfera privada. Tem momentos que você consegue mais, outros menos. Nesse momento eu estou me dedicando mais a este grupo do que à própria constituição das redes. Venho participando desde o início, em alguns momentos mais, outros menos. Neste momento estou menos atuante.

E como exemplo de ação pedagógica...?

De ação pedagógica, participar em projetos Agora mesmo, o LIEAS, ele fez uma articulação com o sindicato de professores do estado do Rio de Janeiro, o SEPE. E a gente está trabalhando na formação de lideranças no sindicato. A gente está começando cursos com eles, no sábado passado foi o primeiro curso e a idéia é que esse grupo faça esse processo de formação dessas lideranças por entendermos que seria importante passar esta nossa perspectiva pra essas lideranças sindicais do professorado estadual, para que eles estejam sensíveis a isso e incorporem isso na militância política sindical deles. A gente considerou isso importante e como grupo a gente está atuando nesse processo de formação deles.

Na universidade, eu tenho procurado constituir... eu estou recém chegado nessa universidade, estou lá há oito meses e por isso ainda estou tomando pé da situação. O campus de expansão ainda é muito desestruturado, tem muitas deficiências, a gente está ainda num lugar provisório, numa escola municipal, tem dificuldade mesmo de espaço, então, assim, essa atuação na universidade ainda está meio prejudicada, mas o cenário é de constituição de grupos também. A gente já tem um grupo de EA, que é o da Rural, da sede, e a idéia é que eu esteja fazendo também com que esse grupo tenha uma área de influência na Baixada Fluminense, porque eu estou nessa área de Nova Iguaçu, a universidade está abrindo esse campus novo... então que esse grupo se expanda aí pra Baixada, através da minha participação, das minhas ações. Estou também desenvolvendo pesquisa, atualmente eu estou liderando um grupo de pesquisa dentro desse instituto que eu tô, que é o LIEME, do campus de expansão em Nova Iguaçu. É um grupo de pesquisa que ainda está se estruturando, as pesquisas estão começando. É um grupo não só de EA, mas de estudos ambientais, mas que tem

uma linha de EA exatamente pela minha participação, que é minha área de atuação. Então, dentro das minhas limitações eu tenho procurado criar estes espaços em que a EA possa estar sendo pensada numa perspectiva de pesquisa, docência, extensão, tentando ganhar espaço dentro da universidade, porque essa perspectiva de EA (a EA como um todo, mas essa perspectiva mais crítica em particular) está em um movimento de embate dentro do espaço acadêmico. Então, me percebo também como um militante dentro da minha própria instituição, junto a outros colegas, também sensíveis a isso, está buscando criar espaço pra EA dentro dessa perspectiva, assim como vários colegas estão fazendo em suas instituições. E eu acho que, por exemplo, o LIEAS, tem essa perspectiva de reforçar também essa atuação dentro de cada uma dessas instituições, pra que a gente tenha mais peso, mais poder político de pressão, pra fazer com que a EA se institucionalize dentro de nossas instituições, mas com esse caráter mais crítico.

O LIEAS é composto só por universidades...

A FIOCRUZ, que tem esse caráter de pesquisa, o Pedro II, que tem um departamento de pesquisa por ser um colégio federal, mas aí também muito em particular porque a pessoa do Pedro II era interessada na PG, fez um mestrado na UFF, estava interessada no doutorado da Educação e este ano acabou de entrar no doutorado do EICOS, se eu não me engano, da UFRJ. Então, por conta do próprio interesse dela levou o Pedro II, mas o Pedro II tem esse departamento de pesquisa.

E é um grupo que pega só universidades do Rio de Janeiro?

É, hoje ele é só Rio de Janeiro. Na plataforma LATTES ele é visto como um grupo da UFRJ. Por questões burocráticas ele ficou sediado lá, coordenado pelo Fred, mas, desde o início, ele se reuniu... inclusive no início eu participava não como universidade federal, mas como universidade privada (da qual eu fazia parte), então hoje ele só tem realmente as universidades públicas, mas não são todas, a UERJ não está presente, a UENF, a UNIRIO. Na verdade, assim, são pessoas dessas instituições que tem esse interesse, que se reuniram, se aglutinaram em torno do LIEAS, mas com a intenção de transformar as mesmas em um grupo interinstitucional. Inclusive na própria plataforma LATTES do CNPq, mas por enquanto a gente ainda está caminhando assim como um grupo da UFRJ e os

outros professores são pesquisadores colaboradores. Já deve estar chegando próximo dos dois anos.

Você estava falando da sua postura enquanto pesquisador, militante, professor... e na sala de aula, você tem um exemplo de como funciona este trabalho que ao mesmo tempo é de denúncia desse paradigma e de articulação das pessoas em prol da militância?

Por exemplo, em turmas de graduação, minha perspectiva, até pelo pouco tempo (a gente tem seis meses e depois perde o contato), tem sido mais a de desvelar e estimular pra que eles busquem essa militância. Mas na disciplina propriamente, até por questões práticas mesmo, das dificuldades do dia a dia de articular (já há muitos anos trabalho com graduação noturna, já na época da privada e agora também na pública), a gente tem certa dificuldade em fazer com que esses alunos tenham uma atuação mais sistematizada para além da sala de aula, muitos trabalham... então, assim, meu trabalho em sala de aula é muito mais de estar denunciando, desvelando e estimulando pra que eles entrem na militância como sujeitos, cidadãos. Mas não ofereço, em si, por exemplo, um projeto em que eles possam estar se inserindo de forma articulada pra estar fazendo alguma coisa. Isso eu faço ao nível dos projetos que eu participo, e aí chamando alguns alunos, aqueles que mais se destacam, que têm maior interesse... participam de projetos de pesquisa, projetos de extensão, estágio...

O que você espera que esse trabalho seu promova de mudança no mundo?

Espero, na verdade que esse meu trabalho entre num processo, que contribua com o processo de transformação dessa realidade. O que *meu* trabalho vai transformar eu não tenho grandes pretensões, que eu consiga ver o que meu trabalho resultou numa transformação, não tenho essa expectativa, acho que não se deve nem se alimentar, falo inclusive até disso com meus alunos. Acho que nós, educadores, a gente não tem que ter a perspectiva da finalidade do processo, a gente tem que ter a perspectiva de estar alimentando o processo, essa é a nossa finalidade, alimentar o processo de transformação, para que esse movimento ganhe força pra poder de fato causar transformações. Mas são transformações processuais, né? Por isso que eu até condeno muitas vezes a perspectiva de

trabalhar a EA a partir da solução de problemas. Eu não gosto muito desse termo, que é muito usado em EA. Porque acho assim, que isso gera uma preocupação, uma expectativa no professor que não é pra gerar. Aí é comum, trabalho de escola, né? Trabalho de EA vai trabalhar com a questão do lixo, do saneamento, aí o problema da escola é o valão que tem ao lado. Pô, o professor vai identificar aquilo como um problema. Ele vai solucionar aquilo ali? Não vai, né?! Entendeu? Só vai gerar uma ansiedade nele...! Agora, se ele pegar aquele problema e usar aquilo ali como motivação pra todo um processo pedagógico, de discussão, de questionamento, problematização, ele está atingindo a finalidade dele, que é levar as pessoas a perceberem isso, se tornarem sensíveis e ativos no sentido de questionar e politicamente se articular pra poder mudar aquela realidade. Se a gente consegue fazer isso, acho que a gente já atingiu a finalidade. Então, não tenho realmente a pretensão de que a minha ação vá mudar alguma coisa. Que eu consiga ver concretamente “ah, isso mudou por conta do que fiz”, mas as mudanças como um todo, estou participando desse processo, acho que é o papel do educador.

Uma coisa mais de correnteza do rio, né? De fazer o rio engrossar.

É, eu uso muito a analogia do rio, mas justamente ao contrário, porque eu falo assim que a correnteza do rio é um pouco a correnteza paradigmática, do pensamento mínimo, tipo assim, se você entrar nesse rio e ficar boiando você vai ser carregado por ele na direção da correnteza. Eu falo justamente que o movimento é um movimento de contra-correnteza, a gente criar esse movimento de contra-correnteza pra nessa posição, aí sim, a gente criar um novo equilíbrio daquela situação e buscar a partir dali uma síntese que seria diferenciar aquela realidade. Gosto muito da analogia da contra-correnteza, não da correnteza.

Você hoje tem uma idéia de quais são os seus valores principais?

Eu estou num momento pessoal assim de vida, que eu tenho como valor muito importante a questão da felicidade, entendendo que a felicidade não se faz sozinha. Não consigo ser feliz sozinho. Então, acho que um valor importante pra mim, hoje, é que eu possa estar propiciando coisas boas pra que eu faça os outros felizes e pra eu possa ser feliz também. Na minha vida pessoal e na minha vida profissional. Meu valor maior é o de buscar ter uma boa intenção. O que não quer

dizer que se efetive sempre em bons resultados. Mas eu acho que ter a boa intenção é fundamental, e aí entra uma perspectiva ética. Eu, eticamente, procuro estar sempre atuando da melhor forma, com uma boa intenção, de buscar estar reforçando valores que eu acredito que são valores que possam estar agregando a uma nova realidade, a qual eu defendo. Então, assim, a questão da solidariedade, é algo importante de ser estimulado, incentivado; as relações amorosas, amorosas no sentido mais amplo, das pessoas resgatarem a questão da afetividade com o Outro, outro-indivíduo, outro-espécie. Na verdade, estabelecer uma relação de afetividade. Desfocar dessa coisa tão centrada na gente, em nós próprios, e focar na *relação*. E que essa relação seja uma relação afetiva. Então isso pra mim é um valor importante. É uma coisa que eu tenho procurado fazer, em mim como pessoa, e na minha própria atuação, estabelecer isso como um valor importante de ser estimulado e trabalhado.

Como você imagina que esses valores foram sendo construídos em você?

Olha, acho que isso faz parte da trajetória de vida mesmo. Vem bem coisa familiar mesmo, desde o início. Eu posso dizer que, desde essa perspectiva eu sou privilegiado, sempre tive condições de ter uma vida sem grandes dificuldades materiais, dificuldades psicológicas, emocionais. Então, acho que isso vem bem desde esse início, mas ao longo desse processo também, com a minha própria experiência de vida, estudantil, profissional, nas minhas relações pessoais... acho que isso foi sendo consolidado. Realmente, não só consolidado, mas como também percebido e buscado. Muitas vezes procurando construir mesmo, pra que essa coisa se afluísse mais, essa coisa da afetividade, por exemplo, é uma coisa que eu senti necessidade de construir porque eu, por características pessoais minhas, talvez até por timidez, no início eu tinha essa dificuldade pessoal de ter uma relação mais afetiva. Por conta dessa timidez... uma coisa mais rígida. Então, isso foi uma coisa a ser construída em mim. Pessoal, mas também refletindo no profissional, então, na minha relação com os alunos... faz parte dessa trajetória mesmo.

Se você não fosse professor, o que você seria?

Difícil... eu não sei se eu seria, mas acho que eu gostaria de ser artista, cantor, por exemplo, mas não sei se eu conseguiria. Acho aquela coisa do *show business* bacana. A coisa da apresentação... eu falo isso porque eu participei do coral da universidade. Então, assim, eu adorava as apresentações. É uma coisa assim que me dava êxtase, me estimulava muito. Acho que é uma coisa que eu gostaria, não sei se eu conseguiria, mas eu gostaria. (risos)

Quais que são seus sonhos, o que você tem em mente pra futuro...?

Eu sou pouco ambicioso com essa coisa de sonhos... eu sonho de ter uma vida sossegada. Vida sossegada pra mim significa morar num lugar tranquilo, num esquema que eu consiga construir um lar, e aí lar que eu entendo, é família, família é uma coisa importante – apesar de dois casamentos, é uma coisa que eu considero importante, eu tô tentando, né? Então, eu tenho como sonho conseguir construir um lar que tenha como característica essa coisa da tranquilidade, do sossego e aí, isso passa por uma coisa externa que é, por exemplo, morar num lugar melhor do que esse que eu moro hoje. Isso é um sonho que na verdade já era desde o passado, que é essa coisa de sair do grande centro, morar num lugar mais sossegado. Eu continuo alimentando isso, essa minha ida pra Niterói é um pouco essa tentativa de conciliar essa necessidade profissional de estar aqui, mas ao mesmo tempo não estar no meio do furacão... mas acho que eu tenho ainda o sonho de me afastar mais um pouco, morar num lugar mais sossegado e construir essa coisa de família, de laços, aí a família até numa perspectiva mais ampla, laços de afetividade onde eu estiver, criar esses laços de afetividade, relação de amizade, onde eu estiver. Eu tenho grandes amigos, estão aqui no Rio. (risos) Podia tentar fazer uma comunidade fora... (risos)... então assim, na verdade, é um processo de construção. É uma busca também. Nas próprias relações profissionais hoje eu tenho grandes amigos na área profissional. Acho que faz parte desse processo criar novas relações afetivas. Acho que meu sonho é esse. Na verdade não tenho grandes sonhos. Materiais não tenho grandes sonhos. É de ter um lugar tranquilo. Certamente, nessa sociedade, ter um lugar mais tranquilo significa você ter uma casinha própria, sem ser ameaçado de ser despejado (risos). Você ter possibilidades de locomoção, de ir e vir, que de alguma forma seja sem grandes transtornos. É basicamente isso.

O que você imagina estar fazendo daqui uns dez anos?

Estar trabalhando com EA, dando aula... (risos) ...até porque daqui a dez anos eu não devo estar aposentado. Mas assim, quando eu me penso na velhice, eu me penso trabalhando, trabalhando como educador ambiental, não sei se na universidade, mas de alguma forma trabalhando.

Como você faz pra conciliar sua vida profissional, que é tão agitada com viagens, cursos e rede, com a vida pessoal?

Isso é um drama, né?, que acho que essa nossa sociedade moderna está fazendo com que a gente tenha que lidar. A questão do tempo é uma coisa que acaba oprimindo. Na falta de tempo pra tudo, na verdade acaba faltando tempo pra tudo, até pro aspecto profissional, pro aspecto pessoal... é algo que me oprime e que eu ainda não consegui lidar muito bem, eu volta e meia escuto conversas de pessoas e vejo que é uma ansiedade de muitos e que muitos também não estão sabendo lidar muito com isso. A gente tem cada vez mais uma demanda maior de trabalho. As tecnologias que facilitam também nos enchem de *sobretabalho*, de tempo extra pro trabalho, a gente tá em casa e tá sempre trabalhando... o que obviamente compromete o lado pessoal, né? Eu tenho procurado fazer assim, entrar num movimento que é muito oscilante, às vezes você se dedica mais a uma coisa, menos a outra, depois você tenta compensar, mas eu tenho tentado não ficar *workaholic*, ter momentos pra mim, pra namorar, pra estar com meus filhos... mas é duro, é difícil, viu? Uma coisa que eu tenho conseguido, não tem nem sido muito intencional, mas tenho visto como sendo uma coisa que ajuda é namorar pessoa da área, que aí você trabalha junto. (risos) Mas isso não é muito bom, não, porque aí você acaba trabalhando em vez de namorar... (risos)

Fora o tempo, quais são suas dúvidas, os dilemas mais comuns na sua vida...?

Grandes dilemas na minha vida...? acho que um dilema seria essa coisa da gente às vezes se achar incapaz de conseguir mudar essa realidade. Eu geralmente sou muito otimista, mas às vezes você se pega meio assim questionando a sua impotência, não só a sua, mas a impotência de transformar essa situação. Mas eu rapidamente me vejo...(risos) acho que é até meio um papel do educador, acho que a gente não pode fraquejar nisso, se a gente fraquejar a gente pára, então

rapidamente me vejo numa posição otimista de que é possível, é possível transformar. Mas é difícil, tem situações bem difíceis... mas... (risos) não tenho mesmo esse dilema... acho que não tenho dilemas.

Nem como pessoa, nem como profissional?

Acho que hoje não.

A gente pode dizer que você é... bem resolvido?

(Risos) ...nem tanto, né? Senão eu tava casado...(risos) mas acho que não, acho que até isso fez parte, foi uma experiência importante de crescimento, de entender melhor a vida, pessoal. Não sei, acho que na verdade eu não sou bem resolvido, mas eu estou tentando me resolver bem. Conforme vai caminhando, né? Não sei, daqui pra frente de repente posso me deparar com uma situação em que eu não me veja bem resolvido, mas por enquanto eu estou me sentindo sem grandes problemas pra enfrentar as coisas que eu preciso enfrentar.

Que tipo de ação você vê que é recorrente no seu comportamento?

É uma perspectiva conciliatória, que nem sempre é... nem toda situação é desejável. Às vezes essa perspectiva conciliatória me leva a ter menos força em momentos que eu *preciso* ter mais força. Acho que isso é uma coisa que é recorrente, é muito forte, eu sempre fui muito por essa linha de conciliação, buscar... mas isso de certa forma se contradiz até com a linha teórica que eu acredito e que eu milito, que é a do embate, nesse embate tem momentos em que você precisa mesmo ir pra força, uma posição de força, de resistência. Então essa posição conciliatória é uma questão que eu às vezes preciso me policiar pra poder ficar coerente com isso eu estou propondo. Acho que isso é forte.

Tem mais alguma? Marca pessoal registrada do POLUX?

Acho que às vezes, até por essa coisa da timidez, às vezes de me isentar de alguns posicionamentos, acho que às vezes eu necessitava me posicionar mais. Não que eu não faça, às vezes eu faço, mas muitas vezes eu me percebo por conta de uma expectativa que as pessoas têm em mim. Isso me leva a me posicionar, mas é uma coisa meio, que eu preciso fazer de forma intencional, me forçar a fazer isso. A minha situação de conforto é realmente ficar na minha, quietinho,

sem confronto, sem estar muito exposto, essa é uma tendência minha, mas eu vejo que em certos momentos isso é necessário, é um esforço que eu tenho que fazer. Essa tendência é recorrente. Não quer dizer que eu vou ser sempre assim. Mas muitas vezes acabo pecando de não fazer porque isso é uma situação de conforto.

E como você acha que as outras pessoas vêem o seu trabalho?

Acho que essa idéia de conciliador é muito vista pelos outros, porque várias vezes já vi as pessoas falando assim: “ah, chama o POLUX pra resolver isso aqui, a situação está complicada, então o POLUX é que vai pra poder não criar mais problema, não criar mais briga...” Acho que essa visão eu carrego. As pessoas percebem. Dá pra perceber porque realmente é uma postura muito forte. Mas eu mesmo muitas vezes condeno, acho que não é a todo momento que ela é importante. Mas acho que muitas vezes sou visto dessa forma, como conciliador mesmo, pessoa que não está muito nessa perspectiva do confronto. E por isso também eu sou bem aceito nos diferentes grupos, por não ter muito confronto, né?, de certa forma eu consigo circular muito nos diferentes grupos, nas diferentes opções. Tem o lado bom e o lado ruim. As pessoas vêem isso também como não-posicionamento, em cima do muro. O que de certa forma, não deixa de ser também. Não é o tempo todo, mas às vezes eu não me posiciono.

E você, como você se vê em relação ao seu trabalho?

Olha, eu me vejo assim também. Eu assumo essa minha postura menos confrontacionista, de buscar conciliar, buscar consensos. Mas assim, por experiência ao longo da vida, eu vejo que isso nem sempre é possível. E em alguns momentos eu me coloquei, até à frente pra puxar algumas posições mais de força. Então, assim, eu no meu trabalho me percebo assim, como tendo essa característica. Mas, hoje, por conta da experiência, acho que eu consigo um pouco, em determinados momentos, ir exercendo isso de uma forma mais coerente, pelas coisas que eu defendo. Mas isso é fruto da experiência, da minha trajetória, porque de início o que prevalecia era essa postura mais de acordo, conciliador. Eu me vejo assim. E acho que é importante também ter essa pessoa que consiga circular entre diferentes grupos, pra conseguir consensos, conseguir avançar, às vezes você precisa de coisas assim.

E os seus valores, aqueles que você já citou, outros que você lembra, como que eles te ajudam na sua prática de educador ambiental?

Eles na verdade não me ajudam, eles na verdade estão presentes na minha prática, se não estivessem presentes não seriam valores, poderiam ser retórica. Mas acho que se eu consigo no meu trabalho de educador, de certa forma tocar os outros, e eu acho, modestamente falando, eu acho que eu consigo muitas vezes, é porque eu consigo ser verdadeiro nisso. Se eu não fosse eu não teria esse retorno que tenho dos meus alunos. Então, acho que eles estão presentes na minha prática e eu procuro ser o máximo possível fiel a esses valores na minha prática. Acho que eles estão presentes na minha prática e acho que é fundamental como educador você ter essa prática coerente com aquilo que você está falando. Acho isso *muito importante*, pra um educador acho isso muito importante. E eu procuro fazer isso (ênfase). Nem sempre isso é possível, mas eu procuro. Minha tentativa é essa, fazer com que a minha prática seja coerente com meus valores, com a minha fala, meu discurso, minha postura mesmo. E a coerência acho que é um valor que eu persigo muito. Ser coerente. Tudo que eu faço eu procuro muito buscar o sentido da coisa, do que está acontecendo, que estou vivendo. E ao construir esse sentido, procuro ser coerente com esse sentido que eu construí. É uma coisa que eu busco sempre, em todos os sentidos, pessoal, profissional. Posso até estar errado, mas estou sendo coerente com aquilo que eu estou acreditando e que procuro inclusive expor pra que os outros entendam com o que eu estou sendo coerente. Acho que de certa forma, isso é uma forma também de as pessoas viverem uma relação mais transparente. Isso gera uma confiabilidade maior, mesmo as pessoas discordando. Pra um educador isso é importante.

Nesse sentido, que valores você acha que são importantes pra uma sociedade que tenha uma relação mais saudável com o ambiente?

Acho que o valor de ser solidário com o outro é fundamental. Ser solidário com o outro é ter esse olhar pra fora, inverter o olhar que a gente está hoje, pra dentro, e colocar pra fora. Isso se dá a partir de valores que prezam a questão da solidariedade, a questão do sentimento de pertencimento ao todo, ao coletivo, uma perspectiva de vida mais ampla... valores que levem as pessoas a mudar o olhar mesmo, de estar priorizando a relação com o outro, não é nem priorizar o outro, mas a *relação* com o outro. A gente rompeu muito essa coisa de estabelecer as

relações, por conta dessa coisa tão focada no indivíduo. Então, assim, a gente resgatar essa perspectiva de viver olhando pra relação é uma forma nova de você viver e aí vem tudo. A relação é afetividade, relação de amor, de solidariedade, companheirismo, amizade. Tudo isso que leva à perspectiva de relação deve ser valorizado.

E como é que isso pode ser formado, construído?

Acho que num processo educativo é levando as pessoas primeiro a perceber que estão vivendo nessa perspectiva, a meu ver, focada pra dentro e fazer com que elas percebam a necessidade de voltar pra fora. E praticar isso, ou seja, criar no processo pedagógico possibilidades. Esse desconstruir essa perspectiva pra construir uma nova se dá justamente no fazer, no experimentar, no estar vivenciando isso de alguma forma dentro do próprio processo pedagógico. Então, assim, ações de EA têm que ter a questão da prática. A prática é fundamental. Mas desde que seja uma prática reflexiva, que repute essa reflexão que leve a se perceber a necessidade de se fazer diferente. E aí ter a oportunidade de fazer diferente é fundamental. Criar um ambiente educativo que oportunize se fazer diferente, eu acho que é extremamente pedagógico. Nessa perspectiva de você estar desconstruindo isso. Porque essa desconstrução não é só uma desconstrução teórica, é uma desconstrução na práxis. Acho que é por aí.

Se você fosse resumir, por que você é um educador ambiental?

Nasci assim. Na verdade comecei muito cedo, nunca pensei em fazer outra coisa. Pensar até pensei, até comecei uma outra faculdade, mas eu era tão novinho, 16 anos, quando comecei, acho que não estava ainda muito formado. Quando comecei a fazer a formação isso já estava muito introjetado em mim. É meu mesmo.

Que tipo de coisas você costuma estar pensando no seu cotidiano, o que são pensamentos recorrentes... temas que sempre voltam...?

Na própria questão profissional, a questão ambiental é muito recorrente. Está sempre presente na minha prática e, portanto, no meu pensar também. A questão ambiental é *muito* recorrente. A questão da violência também é recorrente porque a gente vive no cotidiano, a gente hoje precisa estar se precavendo porque

a violência social é muito recorrente... a temática da educação em si também, por conta profissional, da minha atuação como professor universitário, é também presente... é... acho que é isso... eu não fujo muito disso porque isso me ocupa muito, né? Eu vivo muito a minha profissão, né? Acabam sendo também as questões mais presentes na minha vida pessoal...

Em termos de emoções, de sentimentos, o que você identifica que é mais comum com você?

Emoções? Depois de dois anos de casamento e descasamento acho que as emoções estão bastante mexidas, né? Algumas coisas hoje passam pela emoção, que são fortes. Tem essa questão da busca de uma outra pessoa, de uma companheira, né? Isso faz parte desse momento de vida assim, que foi forte, vários momentos de união e ruptura. Isso é uma coisa forte, está presente. Uma emoção muito presente na minha vida é a emoção dada pela música, é uma coisa que me emociona muito, me toca muito... Eu sinto muita paixão pela vida, sabe?! De viver, por viver. A vida é uma coisa que eu vivo com certo prazer, às vezes até as dificuldades, entendeu? A experiência de vida é uma emoção que me dá satisfação, me dá sentido de realização. Sinto muito sentido de realização ao longo da minha vida, mesmo nos momentos mais difíceis, obviamente que tem também. Sei que assim na hora que você está vivendo um momento difícil é complicado, mas quando passa eu geralmente consigo perceber um sentimento de realização que me dá essa satisfação, esse prazer, de viver a vida, experimentar. Esse tipo de emoção tenho vivenciado de forma bastante intensa. E aí, em alguns momentos, me gera algum sentimento de êxtase por perceber essa satisfação. Em outros momentos, em certas dificuldades, claro que vivencio assim, emoção de insegurança... mas que faz parte do movimento. E acaba entrando nessa perspectiva de olhar para trás, que isso fez parte. Uma emoção que acho que é muito presente também por conta da nossa vida cotidiana é a própria insegurança. A insegurança física mesmo, não aquela insegurança psicológica. É uma coisa muito presente. Mas acho até que eu lido bem, porque eu vejo colegas na faculdade que estão apavorados, Baixada Fluminense, à noite, as pessoas se mobilizam todas por conta disso. Eu não sou lá tanto, mas há momentos em que é uma preocupação.

Em relação a coisas que você já tenha vivido que você sinta vergonha ou culpa, insatisfação consigo mesmo...?

Atualmente acho que é... não me arrependo muito das coisas que eu fiz, não, sabe? Mas assim, hoje, por exemplo, eu tô vivendo uma coisa mais... com a separação, da minha mulher, dos meus filhos, eu sinto um sentimento meio de afastamento com os meus filhos. Isso às vezes me gera essa sensação de... até por conta daquela coisa de tempo que a gente falou, me sinto meio culpado de não estar conseguindo corresponder ou lidar bem com essa situação ao ponto que muitas vezes eu sinto esse afastamento deles e por parte deles em relação a mim, às vezes minha em relação a eles também. Isso às vezes me incomoda um pouco, até por conta disso, de eu estar tão voltado pra essa coisa da afetividade e por conta da situação que eu estou vivendo eu às vezes sinto um pouco esse distanciamento, a mim me incomoda.

E em termos de gastos, como é o seu perfil?

De dois anos pra cá minha vida mudou de ponta-cabeça. Eu sempre fui... no meu primeiro casamento, que foi um casamento estável, longo, 18 anos, eu sempre fui uma pessoa extremamente comedida, até porque minha mulher também era certinha, organizada, comedida. Então, até dois anos atrás se você me perguntasse eu ia falar, olha, eu gasto o necessário, tudo planejado. Mas de dois anos pra cá eu meio me descontrolei, me permiti também, na verdade, não ficar uma coisa assim tão rígida de planejamento. Mas assim, eu não sou consumista. Não sou consumista de bens materiais. Hoje eu sou consumista de bens imateriais. Então, hoje, se eu estou apaixonado por uma pessoa do outro lado do Brasil, então vou pro outro lado do Brasil quando me dá vontade porque eu me permito. Depois tenho que lidar com essa coisa. Agora, bens materiais eu nunca fui muito ligado. Carro, por exemplo. Agora estou com um carro novo porque era mais vantajoso ter um carro novo, mais econômico, mas não ligo pra carro assim, ter um carro bacana...

Mas que tipo de coisa você gasta normalmente? Não que seja demais ou de menos, é só o tipo de coisa.

O que eu gasto é saindo pra comer, me divertir com amigos, namorada, viajar. Isso é que eu gasto. Muito telefone (risos)... a namorada é de longe... pouquíssima roupa...

Em termos de omissões, você poderia dar algum exemplo de alguma que você já tenha feito? Ou deficitária ou superavitária...

Essa minha postura muito reclusa tem a tendência a me omitir, tipo deficitária. Peco por me omitir, não estar participando de forma mais ativa. Às vezes, assim, por exemplo, pra não gerar um conflito entre eu e outra pessoa ou um grupo, às vezes acabo me omitindo de dar opinião, de colocar uma posição mais firme e algumas vezes acabo me arrependendo... o contrário ocorre menos. Me colocar além do que deveria colocar, dificilmente acontece isso.

E em termos de motivações, quais são as suas principais?

A minha profissão é minha motivação grande, quer dizer, minha atuação profissional. Uma motivação grande que eu tenho é de me descobrir, de vivendo, me descobrir como pessoa, me conhecer melhor e pra isso vivenciar coisas novas, diferentes, é algo que me motiva. Gosto de vivenciar coisas novas. Apesar de ter essa aparência mais conservadora, mais tímida, gosto da coisa nova, nesse sentido até sou bastante ousado, não me assusta experimentar coisas novas, isso é uma coisa que me motiva muito. E fazer isso pra me conhecer, entendeu? Experimentar pra me conhecer.

Vai ver que vem daí o seu prazer de viver...

É, eu tenho isso. Pra mim isso é muito claro. Eu tenho prazer em viver. Vejo pessoas que não têm. Pra quem a vida é uma coisa pesada. Pra mim a vida é uma coisa muito leve. Mas ao mesmo tempo eu não sou uma pessoa que vive em êxtase. Eu sou uma pessoa que vive muito na linha média do estado psicológico. Não tenho grandes euforias, mas também nunca tive uma depressão na vida. Não sei o que é ser deprimido. Mas contabilizando, tenho uma satisfação de viver grande, me sinto satisfeito na vida.

E na vida, no geral, quais foram suas grandes decisões?

Acho que a primeira grande decisão foi quando realmente decidi ser professor. Teve um dia marcado. Foi o dia que eu abandonei o curso de Geologia e entrei na Geografia pra ser professor, pra trabalhar... nesse dia já pensei na coisa de sair do Rio, foi uma decisão importante, que virou um projeto de vida. Aí depois disso conheci a minha primeira mulher, na época da faculdade, que também fazia geografia e que levou inclusive a ela entrar nesse meu projeto de vida e a gente a sair juntos do Rio... depois a gente acabou descobrindo que o projeto era meu, não era dela, por isso ela também não se adaptou tanto. Essa foi uma decisão importante. Outra decisão importante foi quando estava lá na escola de Lumiar e decidi ir pra fora. No sentido de que aquilo que eu fazia lá, que me satisfazia muito, eu decidi que era algo que precisava ter um alcance maior. Foi quando decidi fazer a publicação, corri atrás, fiquei um ano tentando arrumar lugar pra publicar e que de fato acabou gerando toda uma consequência de fazer com que hoje eu tenha uma atuação mais ampla do que era uma atuação localizada na época como professor. Outra decisão importante foi agora, quando terminei esse meu primeiro casamento e me permiti viver uma série de coisas novas que estou vivendo, inclusive um casamento que também já acabou (risos)... Foi importante pessoalmente me permitir várias coisas que precisava me permitir pra me conhecer melhor e estou experimentando agora. Acho que foram estes os momentos mais marcantes de decisão.

E a sua escala de prioridades...?

Primeiro é ser feliz (risos). Tem uma coisa que acaba sendo prioritária pra ser feliz, que é aquela coisa de viver amando e sendo amado, vida a dois pra mim é uma coisa importante, por isso que eu tô tentando... Viver isso de uma forma serena, tranquila, buscar construir esse ambiente. Acho que é isso. E repetir isso na minha atuação profissional, de um educador que transmita essa felicidade de viver e por conta disso queira uma vida melhor.

Então, o que você toma como critérios pra essas suas decisões?

Acho que critério é ser coerente com essas necessidades minhas, né? Quer dizer, quando decido alguma coisa é pra tentar ser coerente com essa perspectiva de ser feliz, essa perspectiva de que essa decisão permita com que eu viva amorosamente as minhas relações, que eu consiga com essas opções refletir isso

na minha atuação de educador de uma forma mais plena. Acho que os critérios estão atrelados a isso, sempre buscando ser coerente com essas opções.

Depois dessa sabatina toda (risos), como você hierarquizaria seus valores?

Eu tenho dificuldade de nomear os valores. Acho que hoje o mais importante é o estabelecimento de relações amorosas com a vida, bem amplo. Hoje é o aspecto mais importante que eu vejo da minha tentativa, minha busca. Isso entraria em primeiro lugar. Em segundo lugar... um elemento que eu consideraria importante... faz parte do que eu falei antes, no primeiro lugar, mas é estar militando por uma causa que eu acredito que é uma posição de vida mesmo. Então, assim, eu poder estar exercendo isso nos diferentes ambientes que eu circulo, então, a militância dessa posição, pra mim, hoje, é uma coisa importante, é uma busca que eu tenho como sendo importante. Defender as posições que eu acredito como posições válidas, hoje é uma coisa que me move a fazer o que eu faço no meu dia a dia.

Então, em primeiro lugar, as relações; em segundo, a militância...

Essa militância nessa perspectiva, militância por esse ideal, essa forma de vida. Em terceiro...? Não sei... isso é tão abrangente que acaba pegando tudo... tenho dificuldade de dizer o que é valor... não sei... acho que essas duas coisas são tão abrangentes que acabam abrangendo meu comportamento como um todo.

É? (pausa) Então, tá, vou deixar você em paz... risos... Obrigada!